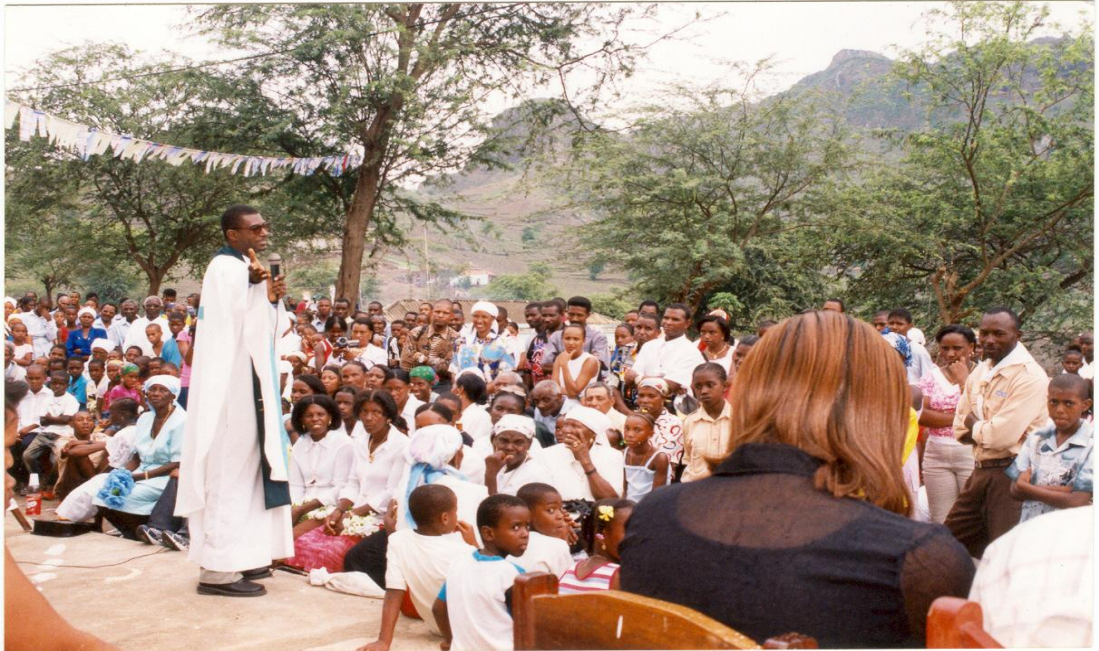


MARIA AUGUSTA MORENO TAVARES



VARIAÇÕES NO FALAR DOS EMIGRADOS DE PILÃO CÃO

**Trabalho Científico apresentado no ISE para a obtenção do Bacharelato
em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, sob orientação da
Mestre Dra. Maria de Lourdes Lima**

APROVAÇÃO

Este trabalho de monografia foi apresentado ao Instituto Superior de Educação, Praia pela aluna Maria Augusta Moreno Tavares, como Trabalho de Fim de Curso, para a obtenção do Grau de Bacharel em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses. Apreciado pelo Júri, obteve a classificação final de (_____) valores.

Praia, ____ de ____ de 2005.

O Júri,

(Presidente)

(Professor Arguente)

(Professor Orientador)

AGRADECIMENTO

***A todos os que contribuíram para este trabalho, directa ou indirectamente,
e sobretudo os que responderam às entrevistas,
(além de oferecerem as suas fotos e permitir a sua publicação).***

*“A língua é um rio que corre sem interrupções.
É secundário se o seu curso é calmo ou torrencioso.*

(...)

*Todos os elementos da língua estão sujeitos à
mudança; a cada período corresponde uma evolução
mais ou menos considerável; isto pode variar na
rapidez e na intensidade, sem que o próprio princípio
seja posto em questão.”*

(Ferdinand de Saussure, Curso de Linguística Geral)

ÍNDICE

I – INTRODUÇÃO.....	6
1. 1 – Justificação da escolha do Tema.....	6
1. 2 – Objectivos Preconizados.....	7
1. 3 – Metodologia Adoptada.....	7
1. 4 – Organização do trabalho.....	9
1. 5 – O Espaço – Caracterização.....	10
1. 5. 1 – Tradições e Vivência no Quotidiano.....	11
II – VARIAÇÕES NO FALAR DOS EMIGRADOS DE PILÃO CÃO.....	13
2. 1 – A Língua Cabo-verdiana – Processo de Formação e Evolução.....	13
2. 2 – Análise Descritiva das Realizações Faladas.....	24
2. 2. 1 – Moradores Permanentes.....	25
2. 2. 1 - A – População Adulta.....	25
2. 2. 1 – B – População Jovem.....	29
2. 2. 2 – Moradores Temporários.....	30
2. 2. 2 – A – Falantes sem contacto com Línguas Estrangeiras.....	31
2. 2. 2 – B – Falantes que usam a língua Oficial e mantêm o contacto com Línguas Estrangeiras.....	32
B1 – Os Funcionários Públicos.....	32
B2 – Emigrantes no Estrangeiro	35
B3 – Os Estudantes	38
2. 3 – Quadro Comparativo das Realizações Faladas.....	41
III – FACTORES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	45
3. 1 – Mobilidade dos Falantes.....	45
3. 2 – Contacto com Línguas Estrangeiras.....	46
3. 3 – Adaptação a Novas Realidades.....	49
3. 4 – O Avanço da Ciência e da Técnica.....	51
3. 5 – A Criatividade Linguística.....	51
3. 6 – O “Bilinguismo”	51
IV – CONCLUSÃO E REFLEXÕES FINAIS.....	55
V – BIBLIOGRAFIA.....	58
VI – ANEXOS.....	60
6. 1 – ANEXO I – Textos: Conversas Gravadas e Transcritas.....	60
6. 2 – ANEXO II – Entrevistas.....	63
6. 3 – ANEXO III – Máximas e Provérbios.....	66
6. 4 – ANEXO IV – Confrontos Linguísticos.....	67

I – INTRODUÇÃO

1. 1 – JUSTIFICAÇÃO DA ESCOLHA DO TEMA

O estudo dos fenómenos linguísticos e, particularmente, o da língua cabo-verdiana atraem-me pela importância que possuem a nível da comunicação, da cultura e do desenvolvimento. Sendo a língua um dos principais elementos da cultura, não é possível conceber o povo cabo-verdiano sem a sua língua nacional – o *Crioulo*, também designado *língua cabo-verdiana*.

É nesta base que, para o meu trabalho de fim de curso, optei por fazer uma investigação sobre a língua cabo-verdiana, estudada como Disciplina do Currículo, pela primeira vez no Curso de Bacharelato em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, no Instituto Superior da Educação da Praia.

O estudo da língua cabo-verdiana, apesar de ser uma área científica ainda nos seus primórdios, reveste-se de um interesse especial para aqueles que a têm como língua materna. A língua materna é a primeira língua que se aprende a falar, de forma espontânea, a língua com a qual o ser humano estabelece relações com o mundo que o envolve.¹ Na língua cabo-verdiana encontram-se as marcas da cultura e do saber do povo cabo-verdiano. Além disso, é a língua de um país, de um povo com História, e tem estatutos diferenciados: é a língua nacional porque formou-se nestas ilhas, e língua veicular por ser a língua de comunicação informal em quase todas as esferas sociais em Cabo Verde.

Uma palavra sobre os constrangimentos encontrados não pode deixar de referir que ao iniciar a recolha de dados, comecei a deparar com dificuldades de várias ordens, especialmente no contacto com os emigrados de Pilão Cão, e nas deslocações à referida localidade, que dista mais de quarenta quilómetros da Cidade da Praia, onde eu residia, estudava e trabalhava, estando ocupada nos dois períodos do dia.

¹ Dic. de Metalinguagens da Didáctica, Porto Editora.

Outra dificuldade prendeu-se com a escolha da população. Nesse conjunto tinha previsto alguns emigrantes, em diferentes idades e países de destino, o que só seria possível contactar nas férias grandes e na quadra festiva do fim do ano, quando regressam para ver a família. Comecei então a perceber que, nessas circunstâncias, e sobretudo porque queria trabalhar com dados recolhidos em situações espontâneas de interacção para que viesse a ter um suporte o mais genuíno possível, precisava de muito mais tempo.

1. 2 – OBJECTIVOS PRECONIZADOS

Este trabalho teve como objectivo geral fazer pesquisas sobre a língua cabo-verdiana, a fim de a conhecer melhor, e como objectivos específicos os seguintes:

- 1º. Identificar as variações que se operam na língua em uso, nos domínios do quotidiano, nas comunidades linguísticas caracterizadas pelo factor migração (ausência / presença nas diversas gradações) com origem na localidade de Pilão Cão e destino em outros concelhos, ilhas ou países;
- 2º. Analisar as diferenças encontradas nas realizações faladas, de modo a estabelecer uma matriz que dê conta das mudanças estruturais, de uma série que inclui:
 - a) Realizações faladas de habitantes permanentes;
 - b) Realizações faladas de habitantes temporários;
 - c) Realizações faladas de habitantes conhecedores de outras línguas: estudantes, funcionários públicos, emigrantes e ex-emigrantes;
- 3º. Estabelecer um padrão que permita a comparação entre as diversas realizações faladas;
- 4º. Questionar o ritmo da evolução da Língua Cabo-verdiana, condicionada pela mobilidade dos falantes, emigração e aumento do nível de escolaridade, a partir da década de Setenta, na localidade de Pilão Cão.

1. 3 – METODOLOGIA ADOPTADA

A selecção bibliográfica visou encontrar o suporte teórico e orientação metodológica. As leituras feitas permitiram conhecer melhor a origem e apreciar a evolução da Língua Cabo-verdiana. De entre essas leituras, destaque-se que com grande curiosidade e satisfação foram lidos os contributos de linguistas nacionais com obras publicadas em e sobre a língua crioula, como Manuel Veiga, Tomé Varela, Dulce Almada Duarte e outros.

O tema em estudo “*Variações no falar dos emigrados de Pilão Cão*” é original, pois é pela primeira vez que se realiza esse estudo. Essa emigração é considerada a partir da localidade citada. Desta forma são considerados emigrados de Pilão Cão, todos os nativos que já não residem ali: os que se mudaram para outras localidades, outros concelhos, outras ilhas e/ou países.

A recolha de dados baseou-se no inquérito directo e indirecto, numa perspectiva sociolinguística. Sociolinguística é parte da Linguística que está ligada à Etnolinguística, à Sociologia da Linguagem e à Geografia Linguística que analisam a relação entre a linguagem e a sociedade: a linguagem enquanto facto social que tem subjacente o comportamento². O inquérito directo foi feito mediante a aplicação de um questionário³ a uma população composta por vinte e quatro pessoas, entre os quinze e os oitenta anos de idade, sendo metade jovem, entre os quinze e os vinte e cinco anos, e adultos outra metade, de trinta e cinco a oitenta anos. A população é constituída por pessoas de diferentes estatutos sociais, entre moradores permanentes e temporários, todos com origem e vários anos de permanência na localidade de Pilão Cão, seleccionados assim:

- **8(oito) habitantes permanentes**, sendo dois adultos, dos quais um sabe ler e outro não, e dois jovens, sem contacto com línguas estrangeiras; dois adultos e dois jovens em contacto com línguas estrangeiras, entre estudantes do nível secundário e funcionários públicos locais;

- **16(dezasseis) habitantes temporários**, sendo: 2(dois) adultos e 2 (dois) jovens sem contacto com línguas estrangeiras;

2(dois) adultos e 2 (dois) jovens em contacto com línguas estrangeiras, mas que nunca se ausentaram para fora do país;

4(quatro) emigrantes, sendo 2 (dois) adultos e 2 (dois) jovens em diferentes países de destino: Portugal, França, Luxemburgo e Estados Unidos de América e,

4 (quatro) ex-emigrantes, adultos.

Dos moradores temporários, dois não sabem ler, sendo ambos adultos e um deles com residência actual no estrangeiro.

O inquérito indirecto baseou-se na escuta atenta dos emigrados em situação de uso da língua cabo-verdiana. Fui anotando as substanciais diferenças e variações e pondo questões

² Dic. De Metalinguagens da Didáctica, porto Editora.

³ Conferir ANEXO II – Entrevistas, pág. 64.

discretas em caso de dúvida. Foram gravadas muitas conversas espontâneas, em diversas situações de comunicação, conversas que foram transcritas em ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano) e, cuja parte seleccionada serviu de amostra, transcrita nos anexos com a denominação de “Textos”⁴. Esses textos constituíram o suporte fundamental desta tese.

A amostra teve uma análise e tratamento cuidados, de forma a permitir a comparação entre as realizações faladas dos inquiridos, de acordo com os critérios de idade, permanência na localidade de Pilão Cão, papel da emigração no quotidiano e, conhecimento e contacto com outras línguas.⁵

1. 4 - ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho é constituído por três capítulos sendo o primeiro a “*Introdução*”, o segundo “*Variações no Falar dos Emigrados de Pilão Cão*” e, o terceiro capítulo, “*Factores de Variação Linguística*”. Da parte final fazem parte a bibliografia e alguns anexos divididos em três partes sendo: Anexo I constituído por 14 (catorze) fragmentos de conversas e alguns textos escritos e usados em Pilão Cão; Anexo II constituído por três entrevistas e Anexo III constituído por 40 (quarenta) máximas e provérbios mais veiculados na localidade.

Inclui ainda nove fotografias.

O trabalho apresenta-se pois, em duas línguas, a cabo-verdiana e a portuguesa. A abordagem teórica, a parte da análise, comparação, reflexão e conclusão, foram feitas em língua portuguesa; na transcrição dos textos, diálogos ou falares, máximas e provérbios e algumas entrevistas foi utilizada a língua cabo-verdiana, língua em que foram produzidos e gravados. A separação não é estanque. Há momentos em que, por necessidade e natureza do trabalho, aparecem frases ou expressões em língua cabo-verdiana num capítulo apresentado em Português e vice-versa.

A arguição será feita em línguas cabo-verdiana e portuguesa, com recurso às línguas estrangeiras de maior interferência no falar dos emigrado

⁴ Cf. ANEXO I – Textos, pág. 59 a 63.

⁵ Cf. Quadro Comparativo das Realizações Faladas, págs. 41 a 44.

1.5 - O ESPAÇO – CARACTERIZAÇÃO

O nome oficial da localidade é Pilão Cão. É aquela que foi cantada pela “batucadeira”

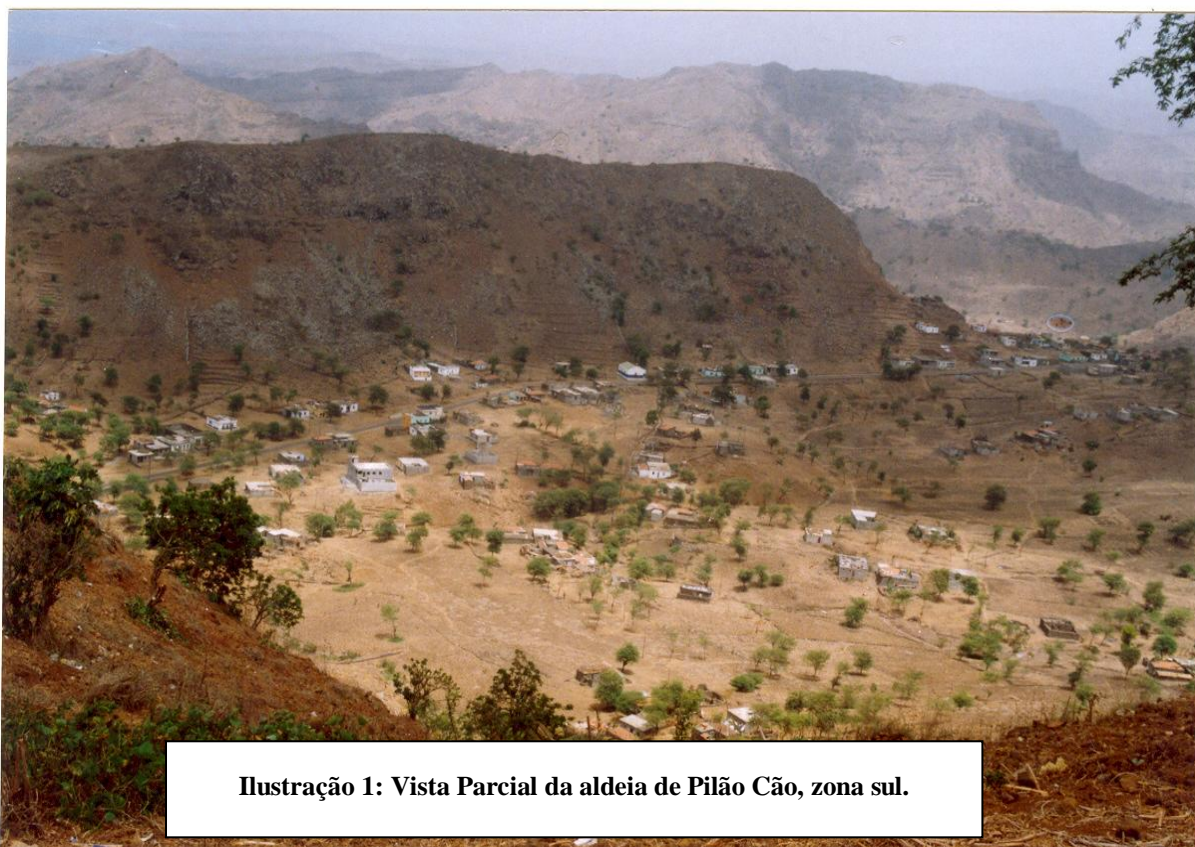


Ilustração 1: Vista Parcial da aldeia de Pilão Cão, zona sul.

Nha Bibinha Kabral “*Na Ponta Tadju ke Pilon Kan*”.⁶

Aldeia com cerca de mil e setecentos habitantes, segundo o censo do ano 2000, situa-se no concelho de São Miguel, ilha de Santiago, a cinco quilómetros da Vila da Calheta, sede do concelho, à qual se liga por uma estrada pública inaugurada em meados dos anos oitenta.

Longe do mar, a realidade é essencialmente agrícola e pastoril.

Posicionada a uma altitude considerável, não possui qualquer nascente. A doze anos atrás, a água para todos os fins, ia-se buscar à nascente do Machado, que fica na Ribeira de São Miguel, e cuja menor distância é de três quilómetros, traçada por uma estrada de terra batida, cheia de curvas, atravessando encostas rochosas e muito inclinadas.

A falta de água tornava muito penosa a vida dos habitantes da aldeia. A primeira chafariz pública foi inaugurada em 1991. Actualmente, há água canalizada em mais de metade das habitações.

SILVA, Tomé Varela, Nha Bibinha Kabral, Bida y Obra, págs. 98 e 159.

A aldeia é atravessada de norte a sul por uma estrada pública com terminal em Ponta Talho, de onde se vê parte da Vila de Assomada. Pilão Cão está ligado aos restantes pontos da ilha de Santiago desde 1986, altura em que a via foi inaugurada. As aldeias mais próximas são: a norte, a aldeia de Espinho Branco, à qual se liga por uma estrada de terra batida e por caminhos suaves, atravessando campos de cultivo; a sul, a Ribeira de São Miguel, passando pela nascente do Machado; a ocidente, Mato Correia, subindo por caminhos que atravessam encostas muito inclinadas. A leste possui encostas rochosas e campos de cultivo – as achadas.

1. 5.1 - TRADIÇÕES E VIVÊNCIA NO QUOTIDIANO

À semelhança da maioria das aldeias rurais de Santiago, a comunidade de Pilão Cão conserva, em parte, um conjunto de hábitos e costumes de longa data, no domínio do trabalho e da luta pela sobrevivência, alimentação, vestuário, festas, crenças, rituais, superstições, que ainda se traduzem na convivência do seu dia-a-dia. Actualmente, verifica-se uma tendência rápida para a mudança, favorecida quer pela renovação da população, pela rápida circulação das pessoas e das informações, como também pelo avanço da tecnologia e do grau académico das novas gerações. Para caracterizar um pouco a tradição, vou referir-me aos aspectos mais evidentes.

O contexto é rural. A população vive da agricultura de sequeiro, da criação de animais, do comércio e do artesanato, este último, numa escala muito reduzida. Pilão Cão possui boas terras, vulgarmente chamadas de “*txon di masapé*” e, as culturas de milho, feijões, batata-doce e mandioca dão-se muito bem aí, em anos de boas chuvadas. Todas as famílias possuem lotes de terreno que são anualmente cultivados. Os trabalhos agrícolas são feitos à base da ajuda mútua, o “*djunta mó*”. Os moradores que possuem grandes lotes, costumam contratar trabalhadores aos quais pagam pelo dia de trabalho, em diferentes preços consoante seja homem, mulher ou adolescente. Quando falta a chuva e as colheitas são escassas ou nulas, o Estado costumava abrir as Frentes de Alta Intensidade de mão-de-obra, conhecidas por F.A.I.M.O. (hoje extintas), e que constituíam os únicos meios de subsistência para a maioria das famílias.

Paralelamente à agricultura, é praticada a criação de animais. As espécies mais comuns são vacas, cabras, carneiros, burros, porcos, galinhas, patos e perus. O número por

família é variado, dependendo da posse e/ou da dedicação à actividade. Os animais estão atados ou encurralados no tempo das chuvas e, soltos em tempo de seca.

Quanto ao comércio, existem actualmente dezasseis mercearias espalhadas pela aldeia, além de um número indefinido de vendedoras ambulantes, que andam de casa em casa a pedir que se lhes compre produtos variados, transportados em alguidares de plástico, à cabeça. Muitos desses produtos não têm preço fixo (“*Nha kunpra, N ta dixi nha*”; *Ê x nu ta fase-l pa y*”, sendo y menor que x, costumam suplicar.) Outras deslocam-se regularmente às vilas da Calheta e do Tarrafal, a vender nas feiras, nos locais conhecidos por “Sucupira”.

O artesanato é actualmente pouco acentuado. Há poucos anos, havia tecedores de panos, os famosos panos de terra, fazedores de esteiras, de chapéus, de vassouras de “*binbirin*” e outros utensílios. Essas actividades estão a ser postas de lado por diversas razões: Alguns artesãos mais experientes faleceram, sem deixarem o legado aos mais novos. Dos vivos, alguns emigraram, outros alegam falta de matéria-prima e outros, ainda, o baixo lucro. Actualmente temos a confecção de tinhas, frigideiras, surradeiras, barris, peneiras, alguidares, conchas e outros utensílios, a partir de chapas de bidão, pelos “*rabelados*” de Bassiu (uma localidade integrante da aldeia), que os vendem em todos os pontos da ilha.

O povo é muito religioso sendo católico praticante, quase na totalidade, e um grupo de “*rabelados*” contando com cerca de vinte e cinco pessoas. De mistura com a religião, há superstições. Entre os mais jovens, as crenças tendem a desvanecer, sobretudo entre os mais escolarizados.

Nas festas não falta o tradicional “*batuku*”, e pratos tradicionais como a “*katxupa*” o “*giusadu*” o “*xerén*”, o “*kuskus*”, a “*feijoada*”, a “*caldeirada*”, constituem o quotidiano da ementa, para todas as ocasiões.

Quanto à língua, a comunicação informal é feita quase exclusivamente em Crioulo, exceptuando-se as aulas na escola do Ensino Básico Integrado onde estudam cerca de trezentas criança, dos seis aos treze anos, orientadas por catorze docentes. Segundo as minhas constatações, o uso da língua portuguesa restringe-se às actividades da sala de aula.

A não ser na escola, o Português é ouvido na comunicação social, rádio e televisão, sendo o acesso à televisão muito restrito, atendendo que a energia eléctrica ainda não chegou a Pilão Cão.

II. VARIAÇÕES NO FALAR DOS EMIGRADOS

2. 1 – A LÍNGUA CABO-VERDIANA – PROCESSO DE FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO

“A língua é parte determinada e essencial da linguagem e, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adaptadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos a sua faculdade.” Afirma Ferdinand de Saussure.⁷

Celso Cunha e Lindley Cintra interpretam a língua como *“um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos; expressão da consciência da colectividade”*, e observam que uma língua *“tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.”*⁸

As interpretações apresentadas fazem uma abordagem da língua na perspectiva social, explicando que ela existe em função da sociedade, que nasce na sociedade, fora da qual não existe, que muda de sociedade para sociedade, e que acompanha as evoluções sociais.

As línguas, em geral, estão sujeitas a modificações, condicionadas quer pelo passar do tempo, quer pelas peripécias da História, que determinam as mudanças sociais, culturais, económicas e políticas dos diferentes povos, em diferentes espaços da face da Terra, e consequentemente da língua usada por esses povos. Há uma grande diversidade de culturas, bem como de línguas, e enquanto a História avança, avançam a ciência e a técnica; nações e

⁷ Cfr. SAUSSURE, Curso de Linguística Geral, (Edição de 1998, pág. 34)

⁸ Cfr. Nova Gramática do Português Contemporâneo, dos autores citados.

povos se aproximam e se afastam; travam-se batalhas, celebram-se acordos, estabelecem-se novas fronteiras, criam-se organizações, sucedem-se reinados e repúblicas, mudam-se as políticas. Essas mudanças trazem sempre consigo um conjunto de adaptações consideradas importantes, especialmente no campo da língua em uso, protegida ou repelida pela política económica e social adoptada pelos diferentes intervenientes.

Referindo-se à evolução linguística, Saussure observa: “ *A língua é um rio que corre sem interrupções. É secundário se o seu curso é calmo ou torrentoso.*” E ajunta o seguinte princípio: “Todos os elementos da língua estão sujeitos à mudança; a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável; isto pode variar na rapidez e na intensidade, sem que o próprio princípio seja posto em questão.”⁹

A língua cabo-verdiana vulgarmente conhecida por *Crioulo de Cabo Verde* é um idioma de comunicação quase exclusivamente oral, nascido nas ilhas de Cabo Verde, num contexto de confronto entre diversas línguas africanas e a língua portuguesa dos séculos XV e XVI.¹⁰ É a língua materna e nacional dos Cabo-verdianos. Língua materna é o mesmo que língua nativa do sujeito que a foi adquirindo naturalmente ao longo da infância e sobre a qual ele possui intuições linguísticas quanto à forma e uso.¹¹

Para que se formasse essa língua, tal como a conhecemos hoje, colaboraram várias gerações de cabo-verdianos, durante cerca de cinco séculos. A história leva a crer que as primeiras palavras que aqui fizeram eco, no século XVI, com o desembarque dos descobridores, teriam sido proferidas em Português ou Espanhol. Entretanto, quando começaram a chegar os primeiros contingentes de escravos da Costa da África, oriundos de etnias e tribos diferentes e, por isso, falantes de diversas línguas, a comunicação tornou-se bastante complicada. Segundo António Carreira, era necessário e urgente estabelecer um padrão de entendimento recíproco entre escravos e senhores e entre os próprios escravos.

O estratagema de proibição de idiomas estranhos ao colonizador começou logo. Conforme informações históricas, os escravos eram isolados de forma que, durante o trabalho, nenhum entendia o que o outro pretendia comunicar.¹² Essa estratégia era adoptada pelos escravocratas como meio para evitar a revolta e a fuga, uma vez que, sendo os colonos uma minoria, temiam pela insurreição e, nesse contexto, teriam de acautelar todas as situações de perigo, de forma a garantirem a sua segurança e a dos seus projectos.

⁹ Curso de Linguística Geral, (Edição de 1998, pág. 234)

¹⁰ CARREIRA, António, O Crioulo de Cabo Verde – Surto e Expansão.

¹¹ Dicionário de Termos Linguísticos, pág 231.

¹² - CARREIRA, António, O Crioulo de Cabo Verde – Surto e Expansão.

O esforço para o entendimento mútuo propiciou a formação de um veículo de comunicação no trabalho forçado, nas expressões de sofrimento e de revolta, na saudade da terra longe, na luta pela sobrevivência entre a terra seca e o oceano. Foi assim que, lentamente, a língua cabo-verdiana iniciou os seus primeiros rudimentos. Segundo o historiador Basil Davidson, “...gradualmente, como reflexo das necessidades e das condições de trabalho escravo, eles começaram a misturar a sua língua materna com o Português.”¹³

Reflectindo sobre as circunstâncias que condicionam a génese e a evolução das línguas de comunicação oral, em geral, e da língua cabo-verdiana, o historiador António Carreira apresenta três factores fundamentais. Em primeiro lugar fala do encontro de dois grupos humanos, ignorando a língua e a cultura um do outro, encontro esse que se dá num espaço geográfico antes desconhecido por ambos. Esses grupos devem ser ainda possuidores de estatutos diferentes, sendo o grupo minoritário detentor do poder político e económico. Em segundo lugar, a fixação desses grupos, isolados por barreiras naturais e, como terceira condição, o contacto assíduo e prolongado dos referidos grupos, por várias gerações.¹⁴

Ora, em Cabo Verde, continua Carreira, esses três factores estiveram presentes desde o primeiro século da ocupação. Com efeito, os colonos portugueses constituíam a minoria, detentora dos poderes político e económico nas ilhas; os escravos negros a maioria, sem nenhum direito; o mar e a distância que os separavam de Portugal e da Costa Africana proporcionavam aos primeiros habitantes um isolamento total, e sucederam-se gerações e gerações, em cinco séculos de dominação. O isolamento e a miséria obrigaram o povo colonizado a resignar-se. Mas falar, tinha que falar, porque a comunicação constitui uma necessidade básica. A política do colonizador impôs o Português. Porém as raízes linguísticas dos colonizados não podiam extinguir-se tão facilmente, “...e foi um Português muito alterado que se tornou a sua língua de comunicação”¹⁵, primeiro um **Pidjin**, termo definido como sistema de comunicação que emerge de contextos multilingues, caracterizado por não ter falantes nativos¹⁶.

Esse Pidjin de base portuguesa servia às circunstâncias de comunicação entre finais do século XV e primeira metade do século XVI. Com o tempo, desenvolveu-se, ganhou estrutura e transformou-se em **Proto-crioulo**. O historiador António Carreira situa a estruturação da

¹³ - DAVIDSON, Basil – As Ilhas Afortunadas (Edição de 1988, pág. 27)

¹⁴ - CARREIRA, António, O Crioulo de Cabo Verde – Surto e Expansão.

¹⁵ - DAVIDSON, Basil – As ilhas Afortunadas, (Edição de 1988, pág. 27)

¹⁶ - Dic. de Termos Linguísticos, pág. 287.

língua crioula na segunda metade do século XVI, informando que, mesmo os brancos a falavam com maior naturalidade, sem se importarem com o Português.¹⁷

Se nos primeiros tempos, não há registos de proibição do uso desse “*Português muito alterado*”¹⁸ por parte das autoridades, a partir do século XIX, com a introdução do ensino oficial em Cabo Verde, essa língua passou a ser alvo de ataques pelas autoridades, por ser considerada um dialecto ridículo, imperfeito, um Português mal falado, que não favorece ao império. Com efeito, em meados do século XIX, a Monarquia decreta o seguinte: “*Na escola só é permitido falar Português; o dialecto crioulo é absolutamente proibido*”¹⁹.

Mais tarde, em 1921, o regime republicano proibiu o uso do *Crioulo* nas escolas e nas repartições públicas, ameaçando a aplicação de castigos aos transgressores. Com essa norma, a autoridade colonial acreditava estar a passar um certificado de óbito à peça fundamental da identidade e da cultura da nação cabo-verdiana. No entanto, esse Crioulo não era usado só por grupos desfavorecidos, os considerados “incultos” da sociedade. Era também falado por todas as camadas sociais, constituindo também meio peculiar de expressão literária dos cabo-verdianos mais eruditos, sobretudo na poesia.

Um outro factor que contribuiu para a resistência e afirmação da língua materna foi a insuficiência da língua portuguesa. Em Cabo Verde, nunca foram criadas condições para a aprendizagem e prática generalizada do Português, na medida em que, as escolas oficiais só começaram a ser escassamente implementadas em meados do século XIX, nas cidades, e frequentadas por um número insignificante de crianças e adolescentes. Desta forma, o acesso à aprendizagem da língua portuguesa era muito diminuto e, a sua propagação, simplesmente impossível.

O fenómeno do crescimento da língua cabo-verdiana mostra-nos que, tal como o vento que sopra enfurecido, pode extinguir uma labareda, mas, muitas vezes, contribui para o seu crescimento e deflagração, as proibições e as ameaças só contribuíram para a resistência e afirmação desse idioma. Com efeito, apesar da sua interdição, a partir da altura em que foi estabelecida a imprensa em Cabo Verde, começaram a surgir trabalhos literários, com destaque para a poesia lírica, e não só, publicados e cantados em Crioulo.

No século XX, a língua cabo-verdiana é, segundo o linguista Manuel Veiga, “*reclamado como suporte principal da caboverdianidade*”.²⁰ Assim, a defesa da causa desse elemento

¹⁷ - CARREIRA, António, O Crioulo de Cabo Verde, Surto e Expansão

¹⁸ DAVIDSON, Basil – As Ilhas Afortunadas (Edição de 1988, pág. 27)

¹⁹ - Decreto de 1849, artigo 11.º, citado pela Revista Kultura N.º 2.

²⁰ - VEIGA, Manuel, O Crioulo de Cabo Verde – Introdução à Gramática, 1ª Edição, pág. 25.

cultural foi empreendida, muito antes da independência, por poetas e escritores tais como Pedro Cardoso, Eugénio Tavares, José Lopes, Januário Leite, Baltazar Lopes da Silva, Luís Romano, Ovídio Martins, Maria Dulce Almada, B. Léza, entre outros. É de realçar que, a revista cabo-verdiana “Claridade”, cujo primeiro número veio a público em Março de 1936, coloca-o em posição de honra, divulgando poemas nesse idioma, na página de rosto, dos seus dois primeiros números.²¹

Entretanto, uma nova etapa começa, após a independência nacional, em 1975. Com a conquista da soberania e com a promoção da cultura cabo-verdiana, o **Crioulo das ilhas** alcançou o estatuto de língua nacional e materna e é hoje tratada cientificamente de **língua cabo-verdiana**. Esse estatuto confere-lhe plena liberdade de ser usada nas situações informais de comunicação, nos meios de comunicação social, mas, não em situações de formalidade. Pesquisas científicas de extrema importância, bem como obras literárias, foram, com muito esforço, empreendidos e publicados. São dignas de referência as contribuições dos escritores Manuel Veiga²², Tomé Varela da Silva²³, José Luís Hopffer Almada, Gabriel Mariano, Kaoberdiano Dambará, Kaká Barbosa²⁴, Daniel Spínola²⁵, para além das de muitos outros, que escrevendo e/ou cantando, contribuíram e contribuem para a elevação da nação cabo-verdiana, divulgando no mundo inteiro a cultura do seu povo.

A nível internacional, é sobretudo na música que a língua cabo-verdiana ganha perfil. Os trabalhos dos artistas cabo-verdianos foram e são produzidos sobretudo em língua materna. A fama conquistada pela cantora Cesária Évora, pelo compositor Ildo Lobo, galardoados com vários prémios internacionais; os sucessos dos artistas Bana, Gil Semedo, Susana Lubrano, Tcheca, são alguns exemplos.

Na comunicação social, nomeadamente rádio e televisão, a língua cabo-verdiana serve de veículo de transmissão de informações básicas, procurando fazê-las chegar a todos os receptores.

Passadas já quase três décadas sobre o surgimento de Cabo Verde como nação soberana, vários colóquios foram realizados com o objectivo de analisar a situação da língua materna, trabalhos concretos foram empreendidos, à custa de muito esforço, até que a oficialização da língua cabo-verdiana já foi anunciada. O alfabeto para a sua escrita é o **ALUPEC, Alfabeto Unificado Para a Escrita do Cabo-verdiano**, um alfabeto que inclui dois modelos, um de

²¹ - Cfr. Revista Claridade, Números 1 e 2.

²² - Diskrison Strutural di Língua Kauberdianu; O Crioulo de Cabo Verde – Introdução à Gramática, e outras.

²³ - Nha Bibinha Kabral – Bida y Obra; Finason di Nha Násia Gomi, Tenpu di Tenpu, Odju d' Agu e outras.

²⁴ - Vinti Xintidu Letradu na Kriolu, 1985

²⁵ - Na Kantar di Sol, 1990

base etimológica e outro de base fonológica, composto por 23 letras e 4 dígrafos: A-B-D-DJ-E-F-G-H-I-J-K-L-LH-M-N-NH-Ñ-O-P-R-S-T-TX-U-V-X-Z, biunívoco, isto é, cada som corresponde a uma letra e vice-versa. Esse alfabeto foi apresentado por uma comissão de estudos e foi aprovado no Conselho de Ministros, a título experimental, através do Decreto-lei Nº. 67/98, no Boletim Oficial de 13 de Dezembro, pela proposta do departamento linguístico do INIC (Instituto Nacional de Investigação Cultural).

Apresentando o ALUPEC, o lingüista Manuel Veiga afirma: “*ALUPEC ten na el dos modelu di alfabetu: un di bazi itimolójiku y otu fonolójiku. Alfabetu itimolójiku ten falta di ekonomia. Fonolójiku y etimolójiku (pur ezenplo: kada letra ta representa un fonema) Nu kré fla ma si a nível di representason di letra e ta txiga pertu di itimulógiku, a nível di funson e ta txiga pertu di fonológiku.*”²⁶

Com sete anos de aprovação, o ALUPEC foi pouco divulgado pelo que ainda é quase desconhecido. Tinha sido anunciada na comunicação social a data da oficialização da língua cabo-verdiana pelo Ministro da Cultura, para o dia 5 de Julho do ano 2005, altura em que se comemorou o trigésimo aniversário da independência nacional. Entretanto, o assunto foi silenciado.

Cabo Verde tem uma história de mais de cinco séculos, que regista factos importantes da sua génese como Nação e como Povo, história que gerou a língua e a cultura crioulas, em circunstâncias atrás referidas.

Ora, sendo a língua cabo-verdiana um idioma de comunicação essencialmente oral, não dispondo ainda de suportes formais suficientemente divulgados no seio da comunidade que o fala, e ocupando o estatuto que lhe conferiu a história colonial e actualmente a política nacional, a susceptibilidade a mudanças torna-se muito maior, comparada com a das outras línguas. Com efeito, qualquer falante atento, mesmo em análise superficial, pode notar que a língua crioula está a sofrer modificações. Se no entanto fizer um estudo específico, será levado a constatar que as mudanças não são ligeiras mas sim profundas. As pessoas, convivendo lado a lado, não falam igual. O seu falar difere no léxico, na pronúncia, na estrutura e na entoação. Enquanto o falar de uns prima pela conservação, o de outros contribui para a variação e evolução. No entanto, o falar de uns e de outros convivem e ambos são perceptíveis, numa perspectiva de comunicação aberta. Qualquer embaraço é imediatamente superado, auxiliado pela circunstância imediata da comunicação oral.

Mas o falar de uma comunidade, de um indivíduo ou grupo, o que é?

²⁶ Jornal ALFA, Praia Novembro/2000.

Cunha e Cintra definem FALAR como sendo *“a peculiaridade expressiva própria de uma região, e que não apresenta o grau de coerência escalonado pelo dialecto. Caracteriza-se, do ponto de vista diacrónico, segundo Manuel Alvar (citado por Cunha e Cintra), por ser um dialecto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-ia ainda distinguir, dentro dos falares regionais, os falares locais, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos «de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem» e cujos usos são limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com carácter administrativo.”*²⁷

Inicialmente, verifiquei que certos falantes, que há dez – quinze anos, eram da minha frequente convivência e moravam em Pilão Cão, têm agora um falar modificado e que nem sempre estão conscientes dessas modificações. No falar de certas pessoas, constatei a tendência para a conservação da língua, e noutros, tendência para a variação; verifiquei ainda que a língua cabo-verdiana, assim como as outras, possui diferentes níveis, embora seja difícil identificar ou definir o “Crioulo Vernáculo” ou o “Nível Padrão”, uma vez que o seu estudo está ainda nos primórdios. Comprovei que o falar das pessoas difere em função das circunstâncias de comunicação, dando origem a registos diferentes: o nível popular, o nível familiar, o nível cuidado e o nível literário.

É frequente ouvir entre nós, e também entre os habitantes de Pilão Cão, pessoas que, perante questões de língua, se defendem com a seguinte expressão: *“Kriolu ka ten regra.”*²⁸

Mas porquê tal afirmação? Será que com essa apreciação os falantes quererão referir-se à ausência de regras prescritivas na língua cabo-verdiana, gramática, por exemplo? Será com sentido pejorativo?

Perguntei aos interlocutores dos quais ouvi a referida afirmação e a explicação que me deram encerra-se no seguinte: *“Eu posso dizer assim, tu diferente, mas nada esclarece sobre qual de nós tem razão.”*²⁹

Por isso pergunto-me:

1.º) Ao falar de regras, não estarão a referir-se às variações, fenómeno evidente em toda e qualquer língua?

Perante esta questão, outras se levantam:

²⁷ CUNHA e CINTRA, Nova Gramática do Português Contemporâneo (Edição de 1999, págs. 4 a 5.

²⁸ ANEXO II, Entrevista a estudantes, pág. 65.

²⁹ Idem nota anterior.

2.º) As variações que ocorrem a nível da língua crioula são facilmente perceptíveis? 3.º) Que tipo de variações leva as pessoas a afirmarem “*Kriolu ka ten regra.*”?

É difícil saber quem teria proferido, pela primeira vez, a referida frase, mas ela foi propalada desde a época colonial e continua a ser ainda hoje. Entretanto, **será essa enunciação uma tese verdadeira? Falsa? Em que medida podemos julgá-la? O que se entende por “regra”, aqui entre nós? Havendo regras na língua cabo-verdiana, elas são conhecidas, respeitadas e aplicadas? O que tem a ver tudo isto com as variações no falar dos habitantes de Pilão Cão? Quais são as principais diferenças entre o falar dos moradores permanentes e ex-moradores de Pilão Cão? Quais os principais factores contribuem para a variação? ”.**

Ao longo desta dissertação, vou tentar responder a estas questões com os elementos que consegui reunir. Para ser clara, parece-me conveniente reflectir um pouco sobre o significado da expressão “*regras linguísticas*”, antes de passar ao fenómeno de variações.

Analizando alguns sinónimos da palavra “*regra*”, e tendo em conta que os linguistas defendem não haver palavras sinónimas a cem por cento mas cujos sentidos se aproximam, dependendo do contexto do seu emprego, e para clarificar melhor as questões, parece-me necessário apresentar um leque de termos de sentido semelhante ao da palavra regra. Ela pode ser empregue com o sentido de: *arte, código, constituição, cuidado, estatuto, lei, norma*, além de outros mais.

Em Linguística, *REGRA* é um “*termo utilizado, especialmente na teoria da gramática generativa, para referir uma representação formal de correspondência entre elementos ou entre estruturas.*”³⁰

Segundo **Mário Vilela**, a regra ou norma é relativa. Define-se como “*sistema de língua que compreende uma totalidade organizada de elementos que constituem entre si uma rede de relações, formando uma estrutura*”. Observa que a norma “*inclui todos os níveis de descrição e prescrição (fonológico, sintáctico, pragmático), que são relativamente estáveis, mas podem eventualmente mudar.*”³¹ O linguista distingue ainda *sub-normas* (norma literária, norma de língua comum e norma familiar). Neste caso o desvio é determinado pelo contexto do uso da língua.

³⁰ Dicionário de Termos Linguísticos, pág. 313.

³¹ Gramática de Língua Portuguesa, 2ª Edição, pág. 30.

Vilela observa ainda que a norma pode alterar-se e não ser registada pelas gramáticas ou dicionários de modo imediato, uma vez que, as mudanças são determinadas por grupos que constituem os vectores sociais e linguísticos incisivos, que conseguem convencer os falantes a aderirem à sua forma de falar e de escrever, uma vez que “*a norma nada mais é, senão o resultado do fixado historicamente.*”³²

Numa perspectiva diacrónica, é muito fácil constatar essa teoria, por exemplo, através da comparação dos manuais escolares antigos com os actuais, das gramáticas clássicas com as modernas, enfim, as regras têm mudado sempre.

Como ficou exposto na introdução, em determinados períodos da sua história, o *Crioulo de Cabo Verde* foi repellido e considerado um dialecto nocivo à língua portuguesa, porque, “*sem regras algumas de gramática...*”³³, portanto, imperfeita, que quer dizer, sem arte. Nesta óptica, reconheço alguma razão àqueles que defendem que o Crioulo não possui regra. Ouviram dizer. Entretanto, não tiveram a oportunidade de analisar a questão para poderem conceber a sua própria opinião.

Antes da independência nacional, o então chamado Crioulo de Cabo Verde sempre foi tratado como um dialecto da língua portuguesa.³⁴ Isso parece dever-se ao processo que levou à sua formação, até à consolidação, uma vez que, segundo a linguista Dulce Almada Duarte, cerca de 90% do léxico crioulo pertence ao Português dos sécs. XV e XVI.³⁵ O Dialecto define-se como “*cada uma das subdivisões que se podem aplicar a uma determinada língua, tomando por critério a região geográfica ou a camada social a que pertencem os falantes.*”³⁶ Quem partir desses pontos de vista, vê a língua cabo-verdiana como sendo um “*Português mal falado*”, ou seja, no qual não se respeitam as regras gramaticais, e assim, é levado a constatar tantos desvios, a ponto de opinar que esse idioma não possui normas. Todavia, numa perspectiva diferente, questionamo-nos como seria possível comunicar ou até proferir a frase citada atrás e através dela comunicar, se o idioma em que a mesma é proferida não obedecesse a regras linguísticas. Também é fácil comprovar que a língua cabo-verdiana actual não se confunde com o Português, que possui algumas regras semelhantes a este, mas que contém outras que lhe são exclusivas.

³² Idem nota anterior.

³³ CARREIRA, António, *O Crioulo de Cabo Verde – Surto e Expansão*.

³⁴ Houve obras específicas sobre a língua cabo-verdiana, publicadas antes da independência nacional e que a tratam como Dialecto. Exemplo: *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, de Baltazar Lopes da Silva, 1957.

³⁵ DUARTE, Dulce Almada, *Bilinguismo ou Diglossia?* Autora e Spleen Edições, Praia, 1998, Pág. 16.

³⁶ *Dicionário de Termos Linguísticos*, pág. 123.

Um código escrito e que discipline a língua crioula, divulgue e ensine **a regra, a norma**, ou seja, **“algo fixado historicamente”** e que pode ser entendido como *gramática da língua cabo-verdiana*, era difícil de ser concebido, pelo menos até à data da independência nacional, devido à situação de colonização, repressão e alta taxa de analfabetismo e, uma vez que o uso da língua materna já foi proibido por *Decreto Legal*,³⁷ é fácil reparar que ela não tinha lugar na escola. Por isso, é natural que se pensasse, e alguns ainda pensem que falar *Crioulo* seja indisciplina.

Depois da independência têm aparecido na lei referências ao *Crioulo* como a língua materna dos cabo-verdianos, mas ainda não há decretos definitivos acerca da questão.

Uma questão prioritária é esta: ***Actualmente, existe norma na língua cabo-verdiana?***

Os linguistas dizem e provam que existe, pois o *Crioulo* possui um léxico e uma gramática específicos, os dois suportes indispensáveis para o reconhecimento de qualquer língua. Com efeito, grande parte do léxico crioulo é exclusivamente seu, e quanto à gramática, já se saiu do impasse. No entanto, com dez anos de publicação, a ***Gramática do Crioulo*** do linguista Manuel Veiga é pouco conhecida em termos de existência (não obstante a primeira edição se ter esgotado no primeiro ano de publicação), e menos ainda em termos de conteúdo. Parece que, a essa Gramática faltou o devido enquadramento oficial, visto a língua não ser oficial, e consequentemente, não necessária na Escola, por constituir matéria ausente do currículo. Ora, a instituição que ensina e divulga a norma é, por excelência, a escola.

Há pessoas idóneas que reconhecem normas claras na língua materna, normas que empregamos na comunicação quotidiana, mas que outras vezes ignoramos, simplesmente. Entretanto defendem que essas normas precisam ser formalizadas, divulgadas e ensinadas aos falantes, para poderem funcionar como tais. Se não forem, a língua corre o risco de degradação constante. ***“A sua dependência em relação à escrita confere-lhe especiais garantias de conservação”***³⁸, é opinião de Saussure, citado nas páginas anteriores, e dos linguistas, em geral.

Outras pessoas defendem que a existência de regras, em muitas circunstâncias, ***“é vontade do freguês”***, pois pensam que a norma de uma língua não pode funcionar a título meramente informal. Para elas não há desvios. Não pode haver desvios quando não se identifica a norma, e por isso, qualquer emenda ou correcção é insegura, por não se apoiar em suportes formais.

³⁷ Decreto de 1849, artigo 11^a, citado pela Revista Kultura N.º 2.

³⁸ Cfr. SAUSURE, Curso de Linguística Geral (Edição de 1998, pág. 34).

Ao referir-se à norma da língua, Vilela fala em sub-normas dentro da mesma língua e afirma que a norma é relativa.³⁹ Por essa razão, admito que os meus interlocutores, ao dizerem “*Kriolu ka ten regra*”, estão a referir-se não só à ausência ou desconhecimento de regras prescritivas, como também à *pluralidade de regras*, que possibilita as variações que ocorrem dentro da língua materna

A **variação** é o fenómeno pelo qual uma determinada língua nunca é, numa dada época, lugar e grupo social, igual ao que era numa outra época, num outro lugar e num outro grupo social. Por *variação linguística* entende-se o conjunto de “*diferenças no discurso falado ou escrito de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, conforme a situação, o tópico, o interlocutor, e o espaço. Pode ser observado sincronicamente no uso que os diferentes grupos etários fazem dos sons, palavras, expressões ou estruturas frásicas.*”⁴⁰

A perspectiva dialectológica distingue quatro tipos de variações:⁴¹

1º. **AS VARIAÇÕES DIACRÓNICAS** (do grego *dia* + *kronos*, «tempo») ou *Histórica* para designar as diversas manifestações da língua através dos tempos. É objecto de estudo da gramática da Linguística Histórica;

2º. **A VARIAÇÕES DIAFÁSICAS** (do grego *phasis*, «fala, discurso»), conforme a situação mais ou menos formal em que se encontra ou o tipo de situação discursiva (oralidade, escrita, interlocutor, ...);

3º. **AS VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS** (do grego *stratos*, «camada, nível», que se refere às variações de uma língua conforme os estratos sociais que a falam. Tal como o anterior, é objecto de estudo da Sociolinguística

4º. **AS VARIAÇÕES DIATÓPICAS** (do grego *dia* + *topos*, «lugar», também designada *Variação Geolinguística* ou *Dialectal*, que se refere às variações no espaço. É objecto de estudo da Geografia Linguística e da Dialectologia.

Isabel Faria, a especialista que vimos a citar, observa que cada falante pode usar diversos estilos ou registos da mesma língua.

Ora, a língua cabo-verdiana objecto deste estudo e representado no material recolhido, obedece a diferentes níveis de língua, com sentido conotativo e denotativo. São interlocutores deste estudo pessoas com competências diferentes no uso e conhecimento da sua língua materna. Há aqueles a quem não falta palavras para exprimirem o que sentem e querem; gente

³⁹ VILELA, Mário, Gramática de Português, 2ª Edição, pág. 30.

⁴⁰ Dic. de Termos Linguísticos, 1ª. Edição, Pág. 229.

⁴¹ Faria, Isabel e outros, Introdução à Linguística Geral e Portuguesa, pág. 481.

de comunicação aberta, isto é, que faz questão de explicar o que diz; mas também, gente de vocabulário mais pobre, que hesita, não por ser gago mas porque procura termos adequados, que afluem com certa dificuldade; gente que se recorre a estrangeirismos porque, está mais habituada ao uso de línguas estrangeiras e só fala a língua cabo-verdiana de tempos em tempos; gente que usa discurso poético, e de vez em quando nos dá umas piadas sob a forma de máximas e de provérbios, bem assentes na sabedoria popular; gente que, por força de hábito, tem um falar “grosseiro”, mas não se retrai à presença de estranhos; gente que consegue adequar o seu nível de língua aos diferentes interlocutores; falei com gente que se apropria da língua e, servindo-se da criatividade, inventa termos e expressões que acabam por ser usados e divulgados no seio da comunidade, até fazerem parte do glossário quotidiano. Falei ainda com gente que brinca, misturando as línguas de propósito, e essa disposição já se tornou uma espécie de hábito linguístico.

2. 2 - ANÁLISE DESCRITIVA DAS REALIZAÇÕES FALADAS

Em Pilão Cão, a maioria das estruturas da língua veicular é conhecida por falantes de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as camadas sociais.

Porém, são muito nítidas as variações diatópicas ou geográficas, comparando o falar dos habitantes temporários que, saindo de Pilão Cão, residiram ou encontram-se a residir em outros espaços diferentes, dentro ou fora do país.

São também evidentes as variações diastráticas, definidas atrás, como sendo variações resultantes da existência de diferentes grupos socioculturais, nas quais se pode enumerar por exemplo: nível cultural dos falantes, idade, sexo, grupo socioprofissional, etc.

É também evidente a variação no tempo. Há vinte ou trinta anos atrás, falava-se diferente de agora. Há termos e expressões que só os adultos usam; há outros que são conhecidos pelos adultos mas que já saíram do uso quotidiano, e apenas são referidos quando se contam factos passados muito remotos. Por outro lado, há termos e expressões criados recentemente, que são de conhecimento e uso apenas dos jovens.

Segue-se uma análise mais aprofundada de diferentes realizações faladas, recolhidas em Pilão Cão. Essa análise foi feita separadamente e em termos comparativos, contemplando o falar de moradores permanentes e temporários, adultos e jovens, com e sem contacto com

línguas estrangeiras, analfabetos e licenciados, pessoas de baixa condição económica e aquelas que levam uma vida mais desafogada, estudantes, funcionários públicos com curso médio e superior.

2. 2. 1 - MORADORES PERMANENTES

O falar dos habitantes permanentes foi tomado como referência, por duas razões: primeira, porque esse grupo se encontra no espaço original; segunda, p. É a partir dele que são analisados os falares dos habitantes temporários. Foram considerados habitantes permanentes os indivíduos que nunca, migraram, isto é, habitaram sempre a localidade, nunca permaneceram nem trabalharam nos centros urbanos ou noutras localidades.

A análise do seu falar revela a tendência para a conservação, tendência que se manifesta nitidamente mais acentuada no falar da população adulta em relação à população jovem, de forma que, parece mais conveniente uma análise separada.

A – POPULAÇÃO ADULTA

Fizeram parte da amostra indivíduos entre trinta e cinco e noventa anos de idade. O falar dessa camada apresenta as seguintes características:

a) Uso frequente de termos e de estruturas mais antigas – os “arcaísmos”

Entende-se por “arcaísmo” uma forma lexical ou uma construção sintáctica pertencente, numa dada sincronia, a um sistema desaparecido ou em vias de desaparecimento.⁴²

Entre os adultos, usa-se termos e expressões muitos dos quais estão a cair em desuso.

Exemplos: Como acto de fala para cumprimentar, os adultos e anciãos usam as expressões “*Nhara sta*”, para uma mulher adulta e “*Nhô sta*”, para um homem adulto, ao que a resposta varia, conforme o interlocutor: se for adulto, de idade e estatuto semelhante, responde nos mesmos moldes; se for mais idoso ou de estatuto superior, dá ao interlocutor uma bênção em nome de Deus ou de um santo da sua devoção.

Como actos de fala para agradecer, usam “*Diós da-u saúdi*”; “*Dja N fika debi*”, porque, para os adultos, “*obrigadu*” é pouco e pode não significar nada.

⁴² Cfr. Dicionário de Termos, Vol. I.

Termos e expressões como *“nabega”*; *“sumara”*⁴³; *“raskon”*⁴⁴; *“Karman”*, *kankaran*, *“fasi dismanxu”* e *“bota bariga”*; *“disambarasa”*⁴⁵; *“ta txapa”*⁴⁶; *“talifoni rintxa”*/ *“talifoni pupa”*⁴⁷; *“da rinkada”*⁴⁸; *“molonkonha”*; *“norostia”*⁴⁹ *“tenba”*⁵⁰; *“sapa”*; *“kusia”* são muito comuns entre os adultos, sobretudo os da terceira idade.

Para se referirem ao tempo, empregam: *“trizontonti”*, (com o significado de “há três dias”); *“trisbespa”*, (três dias antes de um determinado evento), ambos sem correspondência em Português; *“na Lua nobu”*/ *“na Lua xeia”*, para mencionarem épocas; *“anti’galu”*, *“anti’maxi”*, *“sol quenti”*, *“boka’tardi”*, *“boka d’Avé Maria”*, *“na aspardinhu”* ou *“deutu’l nungu-nungu”*, *“sukuru fitxadu”*, para precisarem os diversos períodos do dia como: meia-noite, de manhãzinha ainda escuro, de manhã, entre as oito e as dez horas, à tardinha, quando começa o crepúsculo da noite ou à noitinha e noite fechada, respectivamente. É que os anciãos de Pilão Cão viveram a sua juventude numa época em que o relógio era desconhecido na localidade. É também frequente ouvir, *“maré sta seku/ xeiú”*, mesmo sem verem o mar, que fica a uma distância de cerca de três quilómetros, porque os adultos estão sempre atentos aos sinais do tempo.

Muitos dos termos e expressões usados pelos anciãos, não são conhecidos dos jovens, pois algumas dessas estruturas designam objectos e práticas já caídos em desuso ou tecnologia ultrapassada. Por exemplo, da indústria de panos: *“poti’l tingi”*, *“karda”*, *“tial”*; da conservação de alimentos: *“tudja”*, *“karman”*, *“boli”*, móveis: *“kankaran”*; materiais usados no transporte, *“nguka”*; peças de vestuário: *“mandirion”*, *“kanpan”*, *“kamisa’kuartu”*; dependências da casa, *“tarinba”*; *“djofa”* são exemplos de alguns termos que só os adultos conhecem.

b) Pronúncia mais antiga

Muitas palavras são pronunciadas nos moldes mais antigos: Exemplos:

- Produção do som “l”, onde em Português existe “r, ou tendência para suprimir o “r”.

⁴³ Termo que significa esperar, ter calma.

⁴⁴ Termo empregue no sentido de elegante, pessoa bem apresentada.

⁴⁵ Termo que significa parto, acto do parir, dar à luz.

⁴⁶ Expressão que pode significar “ dá para remediar”; algo que não chega a cobrir as necessidades mas que as resolve em parte;

⁴⁷ O telefone toca.

⁴⁸ Termo que significa partir de um lugar para outro.

⁴⁹ Termos que se empregam no sentido de fingir, fazer manha, mas também no sentido de actuar sem vontade.

Assim, “algen norostiadu” ou “algen ki ta molonkonha” pode ser uma pessoa mandriona, preguiçosa.

⁵⁰ Forma do verbo ter, pretérito imperfeito.

Assim dizem: “*mudjê*” / “*mudjel*”, “*kudjê*” / “*kudjel*”, “*kontadô*”/ “*kontadol di agu*”, “*katxô*”/“*katxol*” (termos que correspondem em Português a “mulher”, “colher”, “contador”, “cachorro”, respectivamente);

- Supressão da última sílaba das palavras: *kabé/kabesa*; *ká/kasa*; *purká/purkasu/ purkesu*.

- Produção do som “b” onde em Português padrão há “v”: Pronunciam “*baka*”, “*noibu*”, “*noiba*”, “*nobi*”, “*bapor*”, “*tilibisan*”.

- Pronunciam “ai”, “ei”, “is”, e “oi” as sílabas “al”, “el”, “il” e “ol” do Português padrão. Por exemplo dizem: “*Baibina*”, “*maiva*”, “*baris*”, “*boisa*”, “*boisu*”, quando se referem a Balbina, malva, barril, bolsa, bolso.

É de salientar que todos os moradores temporários pronunciavam assim quando habitavam em Pilão Cão.⁵¹

c) Fraco ou nulo recurso ao estrangeirismo e a termos técnicos

Muitos adultos esquivam-se ao uso de termos técnicos, alegando que não sabem como se diz. Isto acontece sobretudo entre os que não sabem ler. Por exemplo dizem “*talifoni di biosu*”, para se referirem ao telemóvel; “*papel di konpra*”, para designar factura; “*kusa di da fresku*”, para designar ventoinha e ar condicionado; “*kusa di tra fotu*”, “*kusa` skrebe*”, “*pan di kama*”, etc., indicando a função do aparelho ou objecto, em vez de chamá-lo pelo nome.

Mesmo os que sabem ler e conhecem minimamente a língua portuguesa, recorrem-se muito raramente a termos científicos e estrangeirismo, a não ser que tenham algum contacto com a língua estrangeira, contacto esse que se dá em ambientes familiares, na localidade de Pilão Cão, com os descendentes de emigrantes, netos e sobrinhos, que nasceram no estrangeiro e que vêm com alguma frequência a Cabo Verde. Normalmente, esses emigrantes trazem objectos de uso raro e cuja família hospitaleira ou de contacto mais frequente desconhecia aqui. O primeiro contacto com esses objectos e prática é marcante, e os adultos, desconhecendo-os anteriormente, tratam-nos pelos nomes que os emigrantes os tratam.

Assim, em algumas casas, ao cesto de lixo chamam “*pubela*”; à casa de banho ou à sanita chamam “*toilette*”; à mala de viagem, “*valise*”.

Uma excepção se abre porém, em relação às pessoas em contacto com a língua oficial e que a usam no seu trabalho dia-a-dia. É o caso dos funcionários públicos, nomeadamente

⁵¹ Cf. Falar dos moradores temporários, págs. 31 a 44.

professores do Ensino Básico Integrado. Entre essa camada da população adulta nota-se o uso frequente de vocábulos e de expressões da língua portuguesa, uma pronúncia ligeiramente modificada, acentuado recurso a termos e expressões de carácter técnico, bem como o emprego de neologismo. No entanto, escusam-se ao uso de certos estrangeirismos, empregando termos e expressões da língua portuguesa.

No caso dos exemplos acima apresentados, dizem “*sextu di lixu*”, “*sanita*” e “*saco*”, “*mala*” ou “*maleta*”, próximos ou iguais ao Português.

d) Frequente recurso a máximas e provérbios e à linguagem figurativa

Entre os adultos de Pilão Cão são muito frequentes as máximas e os provérbios. Eles representam a experiência e a sabedoria do povo. Essa forma de falar, que não precisa de explicação detalhada, aparece como estribilho em todos os contextos de interacção. De um conjunto dos mais veiculados, selecionei uma parte dos que me pareceram de uso mais frequente e peculiar:⁵²

Esses provérbios evidenciam o seguinte:

1.º) O hábito rotineiro do uso do pilão e uma gastronomia dele dependente: Provérbios números 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 14, 15, 20, 24, e 29;

2.º) A experiência de grandes caminhadas e da dura luta pela sobrevivência: provérbios números 12, 15, 16, 17, 21, 32, 33 e 34.

Com efeito, os moradores de Pilão Cão, pela posição geográfica da região, encontravam-se obrigados, durante muito tempo, a se levantarem de cama a altas horas da madrugada, a fazer grandes caminhadas, percorrendo quilómetros e quilómetros a pé, para irem buscar água ao Machado, a lenha à Serra Malagueta, a procurar os serviços públicos na Vila do Tarrafal e mais recentemente na Calheta. Eram transportados à cabeça, às costas, aos ombros dos homens e às costas dos animais a água, a lenha, as colheitas dos campos e outros bens da primeira necessidade, além das crianças pequenas, doentes, mortos, uma vez que não havia transportes nem estradas.

3.º) O ritmo cadenciado do pilão e do batuque, imitando o “*finason*”, presentes em todos eles;

4.º) O contexto rural agro-pecuário: provérbios números 9, 12, 13, 23, 25, 30;

⁵² Cfr. ANEXOS III – Máximas e Provérbios, pág 66.

5.º) A necessidade de cautela nas relações com os outros e na prevenção das necessidades futuras: Provérbios números 4, 5, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, e 38;

6.º) Fé e confiança em Deus, que mantêm sempre viva a esperança do povo: Provérbios números 37, 29 e 40.

Sobre o falar dos adultos e moradores permanentes, concretiza-se a opinião da linguista Dulce Almada: *“O Crioulo dos falantes monolingues mal foi atingido pela descrioulização.”*⁵³

B – POPULAÇÃO JOVEM

O falar dos jovens habitantes permanentes que não frequentaram o ensino secundário, difere ligeiramente do dos adultos. Com efeito, esses jovens possuem um léxico em que poucas palavras são diferentes. Por exemplo, é diferente a forma de cumprimentar. Os jovens pedem a bênção, dizendo: *“Nhu da-n bensu”*, a um homem adulto e *“Nha da-n bensu”*, a uma mulher adulta. Comentando a expressão mais antiga – *“Nhara sta”* – Dizem: *“Nhara sta ka sa ta fladu más. Gosi, sô s’e na tiatu.”*

Alguns dos termos e expressões apresentados atrás, nas alíneas a) e c) são conhecidos mas muito raramente usados pela juventude, que os substitui, ou prefere outros termos e expressões, como por exemplo: *“tilifoni toca/ tilifoni ringi,” telemóvel*” ou *“móvel”*; *“ten fidju”*, ou *“pari”*, em vez de *“dimbarasa”*; *“bunitu/janota/basofu”*, em vez de *“raskon”*; *“trata ku argen”* em vez de *“nabega”*; *“fasi abordu”*; em vez de *“fasi dismantxu”* ou *“bota bariga”*, como dizem os adultos.

Os jovens, em geral, revelam uma tendência ávida para se apropriarem das novidades, e também no campo da língua. Assim, vão usando as modinhas e os estribilhos ou bordões de fala que aparecem no dia-a-dia, designados localmente por *“kontu nobu”*, surgidos em contextos engraçados, cómicos ou de apuros que viveram, presenciaram ou ouviram contar, ou ainda passadas nas novelas.

Actualmente usam os seguintes: *“Skesi!”*, *“Xatia!”*, *“Toma bu guarda!”*; *“Toma bu leba!”*; *“Da baka”*; *“Ba flá`s!”*, *“Era un bês!”*, *“Kuida!”* e outras expressões que surgem no dia-a-dia e que ficam algum tempo na memória.

⁵³ DUARTE, Dulce, Bilinguismo ou Diglossia? Autora e Spleen Edições, Praia, 1998.

O falar dos jovens demarca-se pois do dos adultos. As diferenças são maiores quando se trata de rapazes e raparigas em contacto com a língua oficial e com línguas estrangeiras. São jovens que frequentam o ensino secundário e voltam para a casa todos os dias. O seu modo de falar caracteriza-se pela substituição de grande parte dos termos e de expressões mais antigos, como as apresentadas atrás no falar da população adulta, por termos técnicos. Usam ainda códigos linguísticos, alterando a ordem das sílabas nas palavras, introduzindo umas letras que não existem na palavra, além de outros códigos que só eles conhecem, e assim podem comunicar sem que pessoas estranhas possam ter acesso à mensagem. Põem alcunhas aos colegas e aos professores, criam termos e expressões que, com o tempo acabam por entrar no léxico da população local e vizinha. O falar dos jovens estudantes será retomado mais à frente.

As diferenças entre o falar dos adultos e o dos jovens, habitantes permanentes, comprovam bem as *variações diacrónicas*, ou seja as variações que a língua sofre com o tempo.

2. 2. 2 – MORADORES TEMPORÁRIOS

Os habitantes temporários foram seleccionados entre habitantes que residem periodicamente em Pilão Cão e os que residiam mas que se mudaram para outras localidades, dentro ou fora do concelho e até para o estrangeiro. O critério do contacto com línguas estrangeiras foi sempre tido em conta. Fazem parte desse grupo pessoas que não vivem nem trabalham em contacto com línguas estrangeiras; jovens estudantes do Ensino Secundário e Superior, no país e fora, portanto em permanente e estreito contacto com a língua oficial e línguas estrangeiras e, alguns funcionários públicos a residirem no país, que trabalham com a língua oficial e se encontram em contacto com línguas estrangeiras, e passam em Pilão Cão as férias e fins-de-semana, estando também assim em contacto com os moradores permanentes.

Entre adultos, a pesquisa abarca pessoas que se mudaram para outros concelhos, quer por casamento quer por motivo de trabalho, e alguns que residem no estrangeiro, nomeadamente em Portugal, na França, nos Estados Unidos de América e em Luxemburgo.

A – FALANTES SEM CONTACTO COM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Nesse conjunto, a amostra engloba o falar de adultos que não sabem ler, outros que frequentaram apenas o Ensino Primário Antigo e que não prestam serviço em qualquer instituição pública ou privada, onde possam sentir-se forçados a usar o Português no serviço, que não têm o hábito de ler jornais nem trabalhar com expedientes em língua oficial ou estrangeira. Engloba ainda jovens que não continuaram os estudos para além do Ensino Básico Integrado. Foram objectos de análise o falar de pessoas que mudaram de residência por casamento, acompanhamento familiar e actividade comercial, mas que nunca se ausentaram para fora do País. Residem em vários concelhos de Cabo Verde, sendo alguns deles em outras ilhas, nomeadamente Maio, Boa Vista, Sal, Santo Antão e Fogo.

Foi também tido em conta a idade com que saíram de Pilão Cão, a partir dos dez anos.

O falar dessas pessoas varia muito, consoante o tempo de permanência e a nova área de fixação: localidade, concelho ou ilha, área rural ou área urbana, actividade que exercem e grupos de contacto no dia-a-dia. O falar desse grupo caracteriza-se por:

- a) Conservação de vocábulos e expressões mais usuais entre os adultos habitantes permanentes. Esta tendência é pouco acentuada entre os jovens, que daí saíram na infância.
- b) Emprego de termos e de certos regionalismos desconhecidos ou pouco usuais em Pilão Cão; Exemplos: “padjigal”⁵⁴, para designar campo de cultivo sequeiro (da ilha do Fogo); “Pantxol” / “Pantxola”, para designar namorado/namorada (da ilha do Maio); “da ku dedu”, que significa “furta”, em Gongom; “kabelu finu”, para designar um alcoólatra (de Santo Antão); “Pixinguinha” para designar menina ou mulher de comportamento promíscuo (da Cidade da Praia);
- c) Pronúncia ligeiramente modificada, consoante a nova área de residência. Os que estão em outras ilhas adoptaram uma pronúncia característica dessa ilha. Esta modificação é mais acentuada entre os jovens.⁵⁵
- d) Fraco ou nulo recurso a termos técnicos, neologismos e estrangeirismos.
- e) Acentuada tendência para a conservação dos hábitos linguísticos entre os que saíram em maior idade, e para a variação entre os que saíram mais jovens, sobretudo na infância.

⁵⁴ Cfr. ANEXO I, Texto 12, pág. 63.

⁵⁵ Cfr. ANEXO I, Texto 12, pág. 63.

B – FALANTES QUE USAM A LÍNGUA OFICIAL E MANTÊM CONTACTO COM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

B1 – OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

A localidade de Pilão Cão não possui serviços suficientes para os seus quadros. Além de uma Escola do Ensino Básico Integrado, de um Jardim Infantil e um posto Sanitário de Base, que juntos albergam um total de dezoito funcionários, não existe qualquer outra instituição pública. Há médicos, enfermeiros, polícias, professores, religiosos, engenheiros, técnicos formados em vários ramos, a residirem nas cidades da Praia e Assomada e, nas vilas de Calheta, Tarrafal e Pedra Badejo e nas outras ilhas. Esses funcionários em idade adulta constituem as suas famílias e estabelecem-se nas zonas urbanas onde trabalham. Visitam regularmente Pilão Cão, por razões afectivas e/ou por razões de interesse, uma vez que têm na localidade parentes, assim como terrenos e casas. Além de visitas regulares, passam ali, muitas vezes, o seu fim-de-semana e parte das férias.

Os funcionários públicos também mostram acentuada diferença no falar em relação aos residentes permanentes. O falar dessa camada tende a aproximar-se do Português, fenómeno linguístico referido por Dulce Duarte e Dulce Pereira, designado por *Descrioulização*⁵⁶, o processo progressivo da evolução do crioulo, aproximando-se cada vez mais da língua oficial, sem no entanto se confundir com esta.

O Contacto com a língua oficial é, para os funcionários públicos, regular e frequente, quer na vertente oral, quer na escrita. Há certos expedientes orais que são tratados em Português, para além de todo o expediente escrito. Porém, os informantes disseram que o atendimento ao público é feito quase sempre em Crioulo, além da comunicação informal entre funcionários.

No seu falar são nítidas as seguintes características:

a) Grande desembaraço linguístico e comunicativo, traduzido na adequação do nível de língua à situação e ao interlocutor, e numa perfeita destreza gestual a acompanhar a fala. Essa característica comprova que, conforme a situação mais ou menos formal em que se encontra, ou o tipo da situação discursiva, o mesmo falante pode ter vários falares, vários níveis de língua, pois, adequa o seu discurso ao interlocutor. Estamos perante a *variação diafásica da língua*.

⁵⁶ DUARTE, Dulce, Bilinguismo ou Diglossia? Autora e Spleen Edições, Praia, 1998.

- b) Emprego frequente de termos e expressões da língua oficial, de neologismos e de estrangeirismos. Exemplos: “*turma numeroza*”; “*disvantagen*”; “*intruduzi kuresão*”; “*istu é*”; “*gestão*”; “*laissez faire*”.⁵⁷
- c) Uso frequente de termos e de expressões de carácter técnico: “*arkivus*”, “*kódigu*”, “*lokaliza*”, “*prisizão*”, “*lessez faire*”; “*introduzi kuresão*”; “*tenpu dja sgota*”, etc.⁵⁸
- d) Pronúncia semelhante ao da língua oficial:
Os funcionários públicos pronunciam em língua materna, como pronunciam em Português, grande parte das palavras e expressões. Onde em língua cabo-verdiana há “*on*”, e em Português “*ão*”, tendem a realizar a ditongação. Exemplos: “*kuresão*”, “*gestão*”, etc.,



Ilustração 2: Monitoras de Jardins Infantis numa sessão de trabalho a decorrer nas línguas portuguesa e cabo-verdiana – Salão Nobre da Câmara Municipal, Calheta São Miguel.

e) Transferência de estrutura gramatical da língua portuguesa para a língua cabo-verdiana: Exemplos: “*da a kada alunu kel atensão...*” – emprego do verbo dar regido da proposição a;

“*alunu ta kaba pa prendi...*” - conjugação composta que se pode traduzir como: “O aluno

⁵⁷ Cfr. ANEXO I – TEXTO 6, pág. 61.

⁵⁸ Cfr. ANEXO I – Textos 6 e 11, págs. 61 e 63, respectivamente.

vai acabar por aprender, acabará por aprender (...); “*ka ta volta a kometi kes eru...*” – emprego do verbo voltar regido da preposição a.

Construções estruturais desta natureza não se verificam no falar dos outros habitantes permanentes.

B 2 – EMIGRANTES NO ESTRANGEIRO

Cabo Verde é um país de emigração e Pilão Cão não foge à regra. Localidade de poucos atractivos, quando não chove, só quem não tem possibilidades de sair, fica. Dentro do país, constituem prioridade de destino as zonas urbanas, com destaque para a cidade capital. Para o estrangeiro, os habitantes de Pilão Cão saíram em grande número, com ou sem possibilidade de escolher o destino. Assim, pessoas oriundas de Pilão Cão encontram-se espalhadas pelo mundo, nas ex-colónias portuguesas em África, na Europa e nos Estados Unidos de América e no Brasil. As grandes secas constituem o principal factor que favoreceu a emigração, aliadas à procura de melhores condições de vida. Há reminiscência e marcas do dólar trazido da América, com o qual se adquiriu propriedades e fama; há, similarmente, marcas da língua inglesa no modo de falar das pessoas. As recordações mais recentes focam a emigração dos anos trinta e dos anos oitenta, recordações das terras de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe e, a partir dos anos sessenta, para os países da Europa, com destaque para Portugal, França, Holanda e Luxemburgo.

De todos os destinos, os emigrantes trazem para Pilão Cão contributos que, a pouco e pouco, vão entrando nos hábitos da comunidade, nomeadamente no campo linguístico. Esses contributos variam desde estruturas ligadas ao trabalho e à profissão, à culinária, ao vestuário, às festas, à moda, à condução, passando por hábitos e negócios diversos.

Por isso, o falar dos habitantes de Pilão Cão já se alterou muito nos últimos anos e está sujeito a alterações contínuas.

Identifiquei quatro aspectos fundamentais no falar dos emigrantes, em geral:

a) Introdução de termos e expressões da língua falada no país de acolhimento.

Os emigrantes usam com frequência elementos da língua do país de acolhimento, de mistura com o Crioulo. Essa ocorrência pode ser propositada mas ela é, sobretudo, espontânea, segundo os meus interlocutores.⁵⁹ A mistura de línguas ocorre com emigrantes de todas as idades e, mais frequentemente, com aqueles que regressam com menor assiduidade. Facto importante, encontrei muitas pessoas, que nunca emigraram e nunca estudaram línguas estrangeiras a usar estrangeirismo. Nesse conjunto de pessoas merecem destaque os motoristas e as pessoas que convivem muito com emigrantes em férias.⁶⁰ Assim, termos e expressões do Francês como *“monsieur”, “madame”, “affaire”, “tout de suite”, “merci”, “oui”, “ça va”, “ça vá pás”, “de toute façon”,* são de todos conhecidos e usados frequentemente pela camada jovem. Igualmente, estruturas da língua inglesa como *“OK”, “all right”, “fine”, “boy”, “time”, “T – shirt”, “money”, “my love”, “rew”,* são de uso muito frequente e não constituem embaraço de comunicação para ninguém.

De forma semelhante, palavras e expressões de línguas africanas, especialmente as faladas em Angola e São Tomé e Príncipe são usadas pelos moradores que trabalharam naquelas paragens, e foram inseridas no vocabulário da população local.⁶¹

Exemplos: *“Kaxexa”*, Adaptação do termo angolano *“caxexe”*, que significa furtivamente; devagarinho.⁶²;

“Kandongga”, do termo angolano *“candongga”*, que significa no dialecto original contrabando, fraude, sonegação, adulação,⁶³ no léxico local é empregue para designar uma mulher manhosa, fingida.⁶⁴;

⁵⁹ ANEXO II Entrevista a emigrante no Estrangeiro, Pág.65.

⁶⁰ ANEXO I, Texto 8, pág. 61.

⁶¹ - Cfr. ANEXO I – Texto 4, pág. 60.

⁶² - Dicionário Universal de Língua Portuguesa. Texto Editora, Lisboa, 1998.

⁶³ - Idem nota anterior.

⁶⁴ - Cfr. ANEXO I, Texto 4, pág. 60.



Ilustração 3: De regresso a Cabo Verde, família oriunda de Pilão Cão e radicada em Luxemburgo faz escala em Lisboa onde é recebida por parentes. Neste ambiente convivem o Crioulo, o Português, o Francês e o Luxemburguês.

De forma semelhante, palavras e expressões de línguas africanas, especialmente as faladas em Angola e São Tomé e Príncipe são usadas pelos moradores que trabalharam naquelas paragens, e foram inseridas no vocabulário da população local.⁶⁵

Exemplos: **“Kaxexa”**, Adaptação do termo angolano **“caxexe”**, que significa furtivamente; devagarinho.⁶⁶;

“Kandongga”, do termo angolano **“candongga”**, que significa no dialecto original contrabando, fraude, sonegação, adulação,⁶⁷

“Kadjunbi”, do termo angolano **“Cazumbi”**, que significa almas ou espíritos de pessoas mortas⁶⁸.

⁶⁵ - Cfr. ANEXO I – Texto 4, pág. 60.

⁶⁶ - Dicionário Universal de Língua Portuguesa. Texto Editora, Lisboa, 1998.

⁶⁷ - Idem nota anterior.

⁶⁸ - Idem 60.

Paralelamente às formas originais, aparecem as analogias, ou seja, estruturas concebidas a partir das formas originais. Assim, aparece o adjectivo biforme “*kaxexadera*” e “*kaxexador*”⁶⁹, a partir do termo original angolano “*caxexe*”.

b) Uso de alguns “Arcaísmos”

Este aspecto foi constatado entre emigrantes já na terceira idade ou próximos e, cujo regresso não tem sido regular. Esses conservam na memória os termos e a pronúncia do Crioulo de trinta ou quarenta anos atrás. Usam frequentemente vocábulos e expressões já caídas em desuso, ou então, que sofreram modificação após da sua ausência. No tempo em que esses emigrantes habitavam a localidade, as referidas estruturas que chamei de arcaísmo, faziam parte da língua corrente. O mesmo foi constatado em relação à pronúncia. A título de exemplo, leia-se o diálogo transcrito em Anexo I.⁷⁰

c) Pronúncia próxima da língua estrangeira que usam no quotidiano

A produção fonética deste grupo revela aproximação à língua que fala com maior frequência no país onde se estabeleceu. Assim, alguns habitantes permanentes costumam fazer a seguinte observação: os que regressam dos Estados Unidos de América estão a falar um “*Crioulo leve*” ou “*suave*”; os que vêm de França “*fazem língua “trankadu*”, ou seja, carregam o “R” e, os que vêm de Portugal “*falam rápido e cantado*”.

d) Transferência da Estrutura sintáctica de línguas estrangeiras para a língua cabo-verdiana

Verifiquei esse aspecto, com maior frequência, entre os interlocutores que emigraram na infância ou na adolescência. Por exemplo, um interlocutor que esteve em Portugal e na França diz: “*Kriança mesti di karinhu...*”⁷¹, enquanto os outros interlocutores dizem: “*Kriansa mesti karinhu*” ou “*Kiriansa ta mesti karinhu*”.

De facto, “*mesti*”, no contexto em que é empregue, significa em Português “*precisar de*”, e em Francês “*avoir besoin de*” e, em ambos os casos, conjugam regido da preposição *de*, o que não acontece em Crioulo.

e) Hesitações provocadas pelo esquecimento progressivo da língua materna

⁶⁹ - Cfr. Anexo I, Texto Nº 4, pág 60.

⁷⁰ ANEXO I; Textos 7 e 14, págs. 62 e 63, respectivamente.

⁷¹ - Cfr. ANEXO I, Texto 2, pág.60.

Este último aspecto ocorre sobretudo com os que deixaram a aldeia ainda muito jovens, os que têm regressado com uma frequência irregular. Não raras vezes, no decorrer de uma conversa param, por instantes, e depois retomam-na. Essas pausas devem-se a dúvidas pontuais, que os colocam em situação de embaraço e perante a necessidade de se recorrerem à memória, à procura do termo ou da enunciação adequado ao contexto. Outras vezes decidem pedir ajuda e param para perguntar: “*Modi ki ta fladu...?*”; “*Mó ki nhos ta fla ...?*»; “*Modi ta txomadu...?*”. Também costumam esquivar-se ao uso de certos termos e expressões, recorrendo-se à descrição do objecto ou do cenário que pretendem referir.

B 3 – OS ESTUDANTES

Os estudantes constituem uma considerável camada de habitantes temporários de Pilão Cão. Os que frequentam o Terceiro Ciclo em regime público, encontram-se matriculados em todas as Escolas Secundárias da ilha de Santiago, deslocam-se diariamente aos liceus de Assomada, Praia, Santa Cruz e Tarrafal, conforme a conveniência da família. Não existe outra saída, uma vez que a Escola Secundária de São Miguel ministra ainda os dois primeiros ciclos. Outros há que se hospedam em casas de familiares ou em residências estudantis, e regressam aos fins-de-semana e nas férias. Os estudantes do Ensino Superior estudam no Instituto Superior de Educação na Praia, na Universidade Jean Piajet e no exterior.

Essa camada contribui grandemente para a modificação da língua. Depois de conviver com alguns jovens estudantes dos Liceus da Praia e da Universidade “Jean Piajet”, descobri um conjunto de características no seu modo de se expressar, e que se evidenciam nitidamente nos textos e entrevistas, em anexo.⁷² No seu léxico, há um acentuado recurso a termos e expressões científicas, para além de uma mistura deliberada do Crioulo com as línguas francesa e inglesa, sem falar de uma grande criatividade linguística. As principais características do falar dos estudantes são as seguintes:

a) Uso frequente de termos científicos e técnicos

Diferentemente dos analfabetos, dos moradores permanentes e dos jovens que não prosseguiram os estudos, os estudantes usam termos técnicos e dos mais recentes.⁷³ Entre os habitantes permanentes, é mais corrente o emprego dos termos “*mexi*”, em vez de “*riagi*”;

⁷² Cfr. ANEXO I – Textos N.º3 e N.º 5, págs. 60 e 61, respectivamente.

⁷³ Cfr. ANEXO I – Texto N.º 5, pág. 61.

“*pontu*” ou “*papel di prova*”, em vez de “*enunsiadu*”. Termos técnicos como “*alínea*”, “*ambiguidade*” e “*demografia*”, não são sequer conhecidos.⁷⁴

b) Uso de Termos e expressões de língua oficial e de línguas estrangeiras de mistura com o Crioulo.

No texto transcrito em anexo, texto Nº 5,⁷⁵ várias palavras que aparecem são de uso quase exclusivo a situações de comunicação em língua portuguesa, a nível técnico e científico, que procura empregar termos exactos, apropriados ao contexto.

Exemplos: “Anbiguidade”, “flutua”, “riagi”, “dimografia”, “alínea”. Além desses, são usados termos do Francês e do Inglês, empregues, de forma descontraída. Exemplos: «Vida di kel kaza la, sta «vizable» par tu le monde»; “*C ta maxi «en train de» kumi*”; “*affaire*”, “*boy*”, “*stress*”.

c) Acentuadas diferenças de pronúncia, em relação aos adultos e aos jovens que não frequentaram o Ensino Secundário.

A pronúncia dos estudantes do Ensino Secundário e Superior aproxima-se da língua Portuguesa. Essa semelhança deve-se em parte, ao fenómeno da diglossia e à influência das novelas brasileiras seguidas diariamente, com grande interesse pela camada estudantil, sobretudo o “New Wave”. Exemplos: “Kestão”, “alguen”, “di novu”, “simana”.

Nestes casos, os habitantes permanentes e pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar o Ensino Secundário, pronunciam: “Kistan”, “argen”, “di nobu”, “sumana”.

c) Criatividade linguística – Uso de gírias e criação de palavras novas

Relacionado com o contexto estudo / aulas / notas / passagem / reprovção / suspensão, etc., os estudantes vão criando gírias.

Falam de “*parto*” para designarem o acto da realização de um teste. Inquirindo sobre o porquê dessa imagem, disseram que, como num parto, na realização de um teste, mormente a prova global e o exame, há dificuldades, há nervosismo e não há tempo a perder. O que andou a ser preparado durante cerca de nove meses, que é o tempo que dura tanto a gestação humana como o ano lectivo, vai ser “*dado à luz*” em cerca de uma hora/uma hora e meia, e exposto, para que todos vejam – a nota.

⁷⁴ Cfr. ANEXO I – Texto Nº 5, pág. 60.

⁷⁵ Cfr. ANEXO I – Idem notas anteriores.

Sobre essa gíria, perguntei-me se não seria, talvez, influência da leitura da obra “Um Galo que Cantou na Baía”, do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes. Contudo, dos estudantes inqueridos, nenhum leu ainda tal obra.

Os estudantes falam ainda de “*mininu pa pé*” para designarem um teste ou exame que lhes foi difícil ou impossível de executar. Também falam de “*dobradinha*” para se referirem a colegas repetentes e, usam o termo “*stica*”, para se referirem a uma subida considerável de classificação.

Pela análise feita, notei que o falar dos emigrados de Pilão Cão varia muito, comparado com o dos habitantes permanentes. Essas diferenças evidenciam a **variação diatópica**, definida como sendo as variações no espaço. A camada estudantil e os emigrantes no estrangeiro manifestam-se como os principais vectores de mudança.

Cunha e Cintra observam que, “*A partir da nova concepção de língua como diassistema (que quer dizer, um conjunto de sistemas dinâmicos e que se interrelacionam), tornou-se possível o esclarecimento de inúmeros casos de polimorfismo, de pluralidade de normas e de toda a interpretação dos factores geográficos, históricos sociais, psicológicos, que actuam no complexo operar de uma língua e orientam a sua deriva.*”⁷⁶

Por essa razão, considero que os meus interlocutores, ao proferirem a frase “*Kriolu ka ten regra*”, estão a ver a língua nesta perspectiva, sem o saberem. A língua cabo-verdiana, como todas as línguas, é polimorfa. Enquanto o falar dos habitantes permanentes mostra a tendência para a conservação, o dos sazonais e o dos emigrados encontra-se marcado pela descrioulização e pela adopção, criação e acomodação de estruturas novas.

O quadro que vem nas páginas seguintes poderá ajudar a comparar melhor o falar dos moradores permanentes e temporários de Pilão Cão.

⁷⁶ CUNHA e CINTRA, Nova Gramática do Português Contemporâneo (Edição de 1998 pág. 3)

2.3 - QUADRO COMPARATIVO DAS REALIZAÇÕES FALADAS

FALANTES			CARACTERÍSTICAS DAS REALIZAÇÕES FALADAS
Habitantes Permanentes	Sem contacto com línguas estrangeiras	População Adulta	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de vocábulos e de estruturas mais antigas, grande parte deles em desuso; - Pronúncia mais original; - Fraco recurso a termos de carácter recente; - Nulo recurso ao estrangeirismo; - Uso raro de termos e expressões técnicos; - Recurso frequente a máximas, provérbios e à linguagem figurativa; - Acentuada tendência para conservação da língua materna.
		População Jovem	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de vocábulos e de estruturas antigas; - Pronúncia semelhante ao da população adulta; - Fraco recurso ao estrangeirismo; - Fraco recurso a expressões e termos técnicos; - Certo embaraço linguístico e comunicativo; - Tendência conservadora nitidamente menos acentuada que a da população adulta.
	Em contacto com a língua oficial e línguas estrangeiras	População Adulta (Funcionários Públicos)	<ul style="list-style-type: none"> - Uso frequente de vocábulos e expressões de carácter recente; - Pronúncia modificada; - Acentuado recurso a termos e expressões técnicos; - Uso frequente de neologismo e de estrangeirismo; - Acentuada tendência para modificação linguística.

		População Jovem (Estudantes)	<ul style="list-style-type: none"> - Substituição de estruturas mais antigas por outras de carácter recente; - Pronúncia modificada; - Acentuado recurso a termos e expressões técnicos; - Criatividade linguística; - Frequente recurso a termos e expressões de línguas estrangeiras que estuda, nomeadamente do Francês e do Inglês, usados de mistura com o Crioulo; - Tendência para a <u>modificação</u>.
--	--	---------------------------------	---

FALANTES			CARACTERÍSTICAS DAS REALIZAÇÕES FALADAS
Habitantes Temporários	Sem contacto com línguas estrangeiras	População Adulta	<ul style="list-style-type: none"> - Conservação das estruturas e vocábulos mais usuais em Pilão Cão; - Emprego de regionalismos desconhecidos na localidade de origem (Pilão Cão); - Pronúncia ligeiramente modificada, consoante a nova residência (localidade ou ilha, área urbana ou rural); - Nulo recurso a estrangeirismos e neologismos; - Nulo recurso a termos técnicos; - Acentuada tendência para conservação;
		População Jovem	<ul style="list-style-type: none"> - Conservação de algumas estruturas e vocábulos mais usuais em Pilão Cão; - Emprego de alguns regionalismos pouco vulgares ou desconhecidos em Pilão Cão; - Pronúncia modificada consoante a nova área de residência; - Algum recurso a neologismos e estrangeirismos; - Algum recurso a termos técnicos; - Tendência para modificação.

FALANTES			CARACTERÍSTICAS DAS REALIZAÇÕES FALADAS
Habitantes Temporários	Em contacto frequente com a língua oficial e com línguas estrangeiras	População Adulta (Funcionários Públicos)	<ul style="list-style-type: none"> - Pronúncia semelhante ao da língua portuguesa⁷⁷; - Uso frequente de estruturas da língua portuguesa, de neologismo e de estrangeirismo; - Uso alargado de termos técnicos⁷⁸; - Grande desembaraço linguístico e comunicativo, que se traduz na riqueza vocabular e adequação do nível de língua à situação de comunicação e ao interlocutor; - Destreza gestual a acompanhar a fala; - Acentuada tendência para a modificação.
		População Jovem (Estudantes do Ensino Secundário e Superior)	<ul style="list-style-type: none"> - Abandono de termos e de expressões mais antigas; - Uso alargado de termos e de expressões científicas e técnicas; - Pronúncia semelhante ao da língua portuguesa; - Criatividade linguística: Gírias, criação de termos e expressões novos⁷⁹; - Acentuado recurso ao estrangeirismo e ao neologismo; - Acentuada tendência para a modificação linguística.

⁷⁷ Cfr. ANEXO I, Textos 6 e 11.

⁷⁸ Idem nota anterior.

⁷⁹ Cfr. ANEXO I, Texto 5

		<p>População Adulta</p> <p>(Emigrantes no estrangeiro)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Recurso frequente ao léxico da língua do país de acolhimento; - Transferência da estrutura gramatical de língua estrangeira que fala para a língua cabo-verdiana;⁸⁰ - Pronúncia semelhante ao da língua veicular do país de acolhimento; - Uso de alguns arcaísmos; - Alguma hesitação; - Descruiolização, traduzida no esquecimento progressivo da língua materna, manifestado na hesitação e frequentes pedidos de esclarecimento sobre aspectos da língua crioula; - Tendência para a modificação.
--	--	--	--

⁸⁰ ANEXO I – TEXTO 2, pág. 60

III – FACTORES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação linguística dos emigrados de Pilão Cão é favorecida por vários factores, dos quais sobressaem: a mobilidade das pessoas pela ilha, pelo país e pelo estrangeiro; o contacto com línguas estrangeiras; a adaptação a novas realidades de trabalho e de convívio, a criatividade linguística, o passar do tempo e o avanço da ciência e da técnica e a situação actual da língua materna.

3. 1 – MOBILIDADE DOS FALANTES

A mobilidade da população é relativamente grande. Pilão Cão mantém fortes ligações com os outros concelhos de Santiago, com outras ilhas e com o estrangeiro. Servida pela rede pública de estradas desde o ano de 1987, pela rede telefónica desde 1996, não tem tido problemas de comunicação. Contudo, a falta de energia eléctrica dificulta o acesso à televisão, que só pode ser vista nalgumas casas onde existe gerador.

A estrada pública atravessa a aldeia de norte a sul, terminando em Ponta Talho. Viaturas ligeiras e pesadas fazem diariamente a ligação com a vila da Calheta, a sede do Concelho, com as vilas de Pedra Badejo, Tarrafal e, com as cidades de Assomada e Praia. Levam e trazem, durante o dia, os comerciantes, os estudantes, os funcionários públicos e, pessoas que se deslocam às cidades e vilas, a procura de serviços vários. A situação de seca e desemprego obrigou a que muitos indivíduos e famílias inteiras deixassem a aldeia nos últimos anos para se estabelecerem em centros urbanos.

A ligação com outras ilhas é acentuada. Existem casos de transferência de trabalho, procura de trabalho e migração para acompanhamento familiar. Assim, alguns professores da localidade foram prestar serviço em Santo Antão e São Nicolau; agentes da Polícia de Ordem

Pública trabalham na Boavista, Sal e São Vicente; um médico e dois engenheiros trabalham no Sal e na Boavista. Quanto à procura de trabalho, há casos de chefes de família e jovens rapazes que, perante a situação de desemprego, migraram para as ilhas de Maio, Boavista e Sal, a trabalhar na construção civil. Nos últimos cinco anos, saíram de Pilão Cão para outras ilhas cerca de Setenta indivíduos, entre os que vão e voltam com intervalo regular e os que se fixaram na ilha de destino.

Um jovem de vinte e quatro anos, pedreiro e a trabalhar no Maio há quatro anos, disse que tinha trazido a “**pantxola**” para conhecer a família dele. Um vocábulo desconhecido, cujo significado só foi compreendido quando prosseguindo, esse informante disse que tencionava casar-se dentro de pouco tempo e que o casamento realizar-se-ia na ilha do Maio.

Os habitantes permanentes começam a imitar o falar dos emigrantes, primeiro por brincadeira. As senhoras brincam com as colegas perguntando umas às outras pelo respectivo “**pantxol**”, querendo referir-se ao marido, quando este se encontra a trabalhar no Maio ou na Boa Vista. Aos moços que regressam do Maio pergunta-se: “*Bu ka ranja nun pantxola pa la?*”.

3. 2 - CONTACTO COM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Muitas famílias e muitos falantes encontram-se em contacto permanente com línguas estrangeiras, aqui em Cabo Verde, nomeadamente nas Escolas Secundárias e de formação superior, mas sobretudo fora do país. Os idiomas de maior aproximação são o Francês e o Inglês.



Ilustrações 4 e 5: Jovens e crianças de Pilão Cão convivendo com estrangeiros em Luxemburgo e França. Segundo os interlocutores, nestes ambientes a comunicação ocorre em línguas estrangeiras.

No estrangeiro, os contactos dão-se no trabalho, nos transportes, na rua, na escola, nos locais de culto, nos encontros de moradores de um bairro, rua ou prédio. Há necessidade de integração, de convivência. A adaptação acontece a pouco e pouco, e para isso é indispensável aprender a língua veicular. Para um recém-chegado, objectos e práticas quotidianas mudam de nome, é um leque de termos e expressões novos, para designar o que antes conhecia e usava/praticava. Por outro lado, há o observado e experimentado pela primeira vez, as novidades.

Aqui na terra, os contactos dão-se nas escolas secundaras e em casa dos familiares dos emigrantes que regressam de férias ou definitivamente. Estes trazem muitas vezes crianças e adolescentes que, por não conhecerem a língua cabo-verdiana, falam a língua que usam no país de acolhimento. Esse fenómeno proporciona o contacto com línguas estrangeiras às pessoas do agregado familiar que os recebem e à vizinhança, uma vez que em Pilão Cão, a convivência entre os vizinhos é muito chegada.



Ilustração 6: No quarto, crianças abrem presentes num dia festivo. Também na diáspora, a convivência é muito chegada entre estrangeiros e cabo-verdianos. A menina da direita é alemã. Neste ambiente fala-se o dialecto luxemburguês. Mas, a mais pequena fala a língua cabo-verdiana de mistura com aquele.

Entretanto, os emigrantes ficam durante algum tempo e regressam novamente, enquanto os que cá ficam os recordam pelas palavras que costumam proferir. Um exemplo que se segue ilustra bem a influência por contacto:

De uma senhora de sessenta e dois anos, moradora permanente e que não sabe ler, ouvi o seguinte discurso dirigido a uma criança: ***“Bá pô papei na pubela”***. A última palavra chamou-me a atenção e comecei a observar o miúdo, que se retirou sem demora. Momentos depois voltou e disse: ***“Ô vóvó, djan poi un papel na pubela. Mas papel di kadô, dexa-n fazi kadô di brinkadera”*** A minha curiosidade levou-me a perguntar o que era ***“pubela”***. Fiquei a saber que era um cesto de lixo, ou o próprio lixo, que o termo fora trazido por uma filha da dona de casa, que reside e trabalha actualmente em Luxemburgo. Essa filha, uma senhora dos seus trinta e cinco anos, comprara, segundo a mãe, ***“Três pubela, kada kual di si kor”***, tendo colocado uma no quintal, outra na cozinha e outra na casa de banho. Fiquei a saber que o termo original é ***“poubelle”***, do idioma Francês e, a letra ***“a”*** final, um fenómeno de adaptação. O mesmo acontece em relação ao termo ***“kadô,”*** pronúncia semelhante ao ***“cadeau”***, do Francês, que significa ***“presente”*** em língua cabo-verdiana.

Ora, por que razão o primeiro termo referido teria entrado e adaptado sem dificuldades? A razão principal parece ser que aquela família nunca tinha adquirido nem utilizado um cesto de lixo daqueles, o que ainda é reforçado pelo facto de ser mais fácil pronunciar “*pubela*” do que “*sestu di lixu*”

Este exemplo evidencia a entrada de estruturas novas, vindas de todas as paragens onde mora um habitante de Pilão Cão e que tenha contactos regulares com os moradores permanentes. Passado algum tempo, as pessoas começam a assimilar esses termos que acabam por entrar no falar da comunidade inteira. Mesmo pessoas que nunca emigraram usam termos e expressões da língua francesa e inglesa.⁸¹

3.3 – ADAPTAÇÃO A NOVAS REALIDADES

Os emigrantes constituem uma minoria nos territórios de acolhimento, muitas vezes encontram-se sozinhos num mar de gente de língua e falar diferente. No novo contexto a vida não para. Ora, sendo o objectivo fundamental da língua a comunicação, o caminho mais fácil de a conseguir é uniformizar-se com a maioria, uniformizar-se com o contexto. Neste caso, acontece o fenómeno interpretado pelo linguista David Crystal, quando afirma: «*A maior complexidade de relações humanas em situação de trabalho leva o novo operário à necessidade de desenvolver novos hábitos de linguagem, começando a “falar outra linguagem” – não somente no sentido de aprendizagem do uso de termos técnicos, mas também no sentido de ter de intervir linguisticamente a cerca de assuntos de todos os dias com os companheiros de trabalho ou com camaradas que podem provir de camadas sociais muito diferentes.*»⁸²

Assim, a língua ou o modo de falar do grupo maioritário ou liderante acaba por prevalecer, quase sempre, em relação ao do grupo minoritário ou menos culta.

Quando perguntei aos jovens funcionários públicos, operários e estudantes do Ensino Secundário e Superior por que razões modificavam o seu modo de falar, responderam-me que era por causa das influências do meio⁸³. Pensam que, num universo onde somos a minoria, se não únicos a falar diferente, o melhor é uniformizarmo-nos com os falantes, em vez de remarmos contra a maré.

⁸¹ Cfr. ANEXO I, Texto 8, pág. 62.

⁸² CRYSTAL, David, A Linguística, Traduções de Isabel Faria, Lisboa, 1977.

⁸³ Cfr. Confrontos Linguísticos, Anexo IV, Pág. 67.

Os estudantes focaram um aspecto que considerei interessante: o **medo do ridículo**.

Não raras vezes, os estudantes de Pilão Cão confessam ser a sua conversa objecto de troça dos colegas da cidade, pela pronúncia diferente, pelas expressões e termos que os citadinos consideram atrasados, pelos regionalismos. “*Quando entrei para o décimo primeiro ano, no Liceu Domingos Ramos, em 1999, o meu falar era objecto de troça... Puseram-me a alcunha de “Fêtu” e de “Pilonkan”...*”⁸⁴ Para evitar que isso aconteça, a maioria dos jovens trata logo de imitar os citadinos, que se consideram mais evoluídos.⁸⁵ O desfecho dos confrontos constitui, entre os jovens, o principal vector de mudança, quando falam a mesma língua. Nos anexos encontram-se alguns casos de confronto linguístico, narrados pelos informantes.

Nos dois primeiros casos narrados, os falantes da cidade, com habilitações académicas superiores conseguem influenciar os do campo a alterarem os seus hábitos linguísticos, justificando com argumentos sólidos, a “superioridade” do seu falar, mostrando nele mostrando nele a clareza, a exactidão e o fundamento científico, provocando a modificação. “*Es imenda foi sufisienti pa N ka trata nha avó di “nha donu” mas. Inda N korigi nha irmon ku nhas primus tudu.*”⁸⁶

Tal situação já não acontece no terceiro. Aí, o falante do campo resiste e argumenta. Encontra-se perante colegas do mesmo nível de escolaridade. Com a intervenção da professora, uma pessoa culta, dizendo “*Na diversidade é que está a riqueza*”⁸⁷, parece que os ânimos se acalmam e o ambiente se harmoniza. A intervenção veio dar valor aos regionalismos e encarar as diferenças como sendo normais e, acima de tudo, convidar os alunos para o conhecimento e valorização da língua no seu todo. Essa posição, mostrada por uma pessoa culta, influencia o comportamento dos estudantes e particularmente da forasteira que, a partir daí, já não se preocupava tanto em satisfazer os citadinos na sua maneira de falar a l, tornando-se até mais conhecida entre os colegas, pelas alcunhas que lhe puseram, e que ela respondia sem aversão, achando normal. A propósito das diferenças, a linguista Isabel Hub Faria faz a seguinte afirmação:

“*A língua vive através da diversidade.*”⁸⁸

⁸⁴ Cfr. Anexo IV – Confrontos Linguísticos, Pág. 67.

⁸⁵ Cfr. Anexo IV – Confrontos Linguísticos, 2º Caso, Pág. 67.

⁸⁶ Cfr. Anexo IV – Cfr. Confrontos Linguísticos, 1º Caso. Pág. 67.

⁸⁷ Cfr. Anexo IV – Cfr. Confrontos Linguísticos, 3º Caso. Pág. 68.

⁸⁸ FARIA Isabel Hub, Introdução à Linguística Geral e Portuguesa, (Edição de 1996, pág. 480).

3. 4 – O AVANÇO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

Este é um outro factor importante. As últimas descobertas científicas do século XX e XXI estão a chegar a Cabo Verde a bom ritmo e, a pouco e pouco, também a Pilão Cão. Um dos meus interlocutores, emigrante em férias, disse que Cabo Verde está nas rotas do progresso e que se pode viver aqui usufruindo das altas tecnologias de ponta, como em qualquer país desenvolvido.⁸⁹ Essas tecnologias têm nome novo, assim como as peças e os processos de manuseio das máquinas.

Deste modo, termos e expressões desconhecidos, há algum tempo atrás, estão a entrar no léxico dos moradores de Pilão Cão, trazidos quase sempre por habitantes temporários.

Por outro lado, certos objectos e práticas já foram e estão a ser postos de lado, caindo com eles algumas palavras e expressões, o que se verifica analisando o falar dos moradores permanentes, em idade adulta.⁹⁰

3. 5 – A CRIATIVIDADE LINGUÍSTICA

A criatividade é grande, sobretudo entre os jovens, que concebem e divulgam termos e expressões, algumas das quais entram no léxico da comunidade inteira.

Algumas palavras são criadas e permanecem por um tempo indeterminado. Porém, outras desaparecem em curto espaço de tempo. Como disse o jornalista José Cardoso Pires, “*Palavras cria-as o tempo e o tempo as mata.*”⁹¹

3. 6 – “O BILINGUISMO”

A situação linguística actual é um outro factor de mudança. Em Cabo Verde coexiste a utilização de duas línguas: o Português, com estatuto de língua oficial, isto



Ilustração 7: Estudantes em Luxemburgo consultando a internet.

⁸⁹ ANEXO II – Entrevista a Emigrantes no estrangeiro, pág. 65.

⁹⁰ Cfr. Análise das Realizações Faladas, Moradores Permanentes, pág. 25.

⁹¹ Cfr. CUNHA e CINTRA, Nova Gramática de Língua Portuguesa, PÁG. 144.

é, língua de trabalho e da administração, língua de ensino, usado nas situações nobres de comunicação formal e informal⁹²; o Crioulo, a língua materna e nacional é usado nas situações informais de comunicação, não é ensinado nas escolas, a não ser no Ensino Superior, mais precisamente no Instituto Superior de Educação. Para o nível de Bacharelato, a Língua Cabo-verdiana é uma disciplina anual.

A vida nestas ilhas decorre em Crioulo. Nas casas, nas ruas, nas repartições, nos transportes públicos, nos centros comerciais, só se ouve falar o Crioulo.

Nas situações consideradas nobres, como cerimónias de inauguração, tomada de posse, discurso oficial à nação, nas escolas, é obrigatório o uso da língua oficial.

Nas repartições públicas o atendimento informal é feito em língua materna, a não ser que o utente faça a sua abordagem em Português, o que raramente acontece oralmente. Falando Português, é atendido numa ou noutra língua, conforme o funcionário abordado puder ou entender. Entre si, os funcionários utilizam quase sempre o Crioulo.

Nos estabelecimentos de ensino, os professores e educadores em geral reconhecem uma certa resistência à prática da língua portuguesa por parte dos alunos, resistência que, segundo alguns, é capaz de deitar por terra metade das oportunidades de aprendizagem, conduzindo ao insucesso grande parte dos estudantes. Essa apreciação não é exagerada, se se tiver em conta que a prática da oradidade é fundamental para a apropriação de uma língua. Nela se manifesta toda a espontaneidade do falante, experimentando, errando, retomando, imitando, e apropriando.

O ensino da língua portuguesa em Cabo Verde está presente a todos os níveis, básico, secundário e superior, o que não acontece com a língua materna, que mesmo para as crianças que entram pela primeira vez, não há uma orientação clara e oficial de como tratar a língua materna. Segundo alguns analistas cabo-verdianos, nesta situação, tanto a língua materna como o Português saem a perder.

⁹² VEIGA, Manuel, Introdução Á Gramática do Crioulo, pág. 31.



Ilustração 8: O grupo coral de Pilão Cão entoa um cântico de sua autoria, em língua cabo-verdiana, escrita sob mistura de alfabetos. A letra foi ditada e cada membro escreveu a sua versão, misturando as duas línguas, enfim, como sabem. Entretanto, quando tal acontece em Português, tentam aplicar as regras.

Nalguns encontros de trabalho, os membros costumam acertar logo de início a língua de comunicação em que a sessão deva decorrer, e não é raro ouvir a seguinte expressão: “*Em Crioulo entendemo-nos melhor*”. Neste caso, os secretários terão duplo trabalho: o de traduzir os discursos e o de os reproduzir fielmente, uma vez que as actas, memorandos ou relatórios serão produzidos na língua oficial.

Para apreciar a situação linguística actual em Cabo Verde, torna-se indispensável referir a pontos de vista de alguns linguistas e escritores cabo-verdianos, sempre atentos a essa questão.

Em primeiro lugar, vejamos o que diz o linguista Manuel Veiga:

«...apesar de um bilinguismo individual “sui generis” existente, a situação linguística do povo cabo-verdiano caracteriza-se mais pela diglossia do que pelo bilinguismo.»⁹³

Mais adiante explica o seguinte: “*...na situação de diglossia, existem duas ou mais línguas em que uma exhibe o estatuto de prestígio, é utilizada nas funções consideradas nobres de comunicação – ensino, literatura, ciência, administração, mass-media -,*

⁹³ - O Crioulo de Cabo Verde, Introdução à Gramática, 2ª Edição, pág. 31.

*enquanto a outra se apresenta mais como «língua dominada», com uma escrita não estandardizada e pouco representativa, sendo ainda língua do quotidiano e para as situações informais da comunicação, como a vida familiar, as relações de amizade, a comunicação na rua, no mercado, nos subúrbios, no campo.*⁹⁴

O escritor Mário Fonseca faz a seguinte apreciação: “...O Crioulo encontra-se numa situação de subalternidade e até de semi-clandestinidade, correndo o risco, não potencial mas real, de se degradar perigosamente e de perder parte da sua integridade linguística, já que cada dia que passa ele está sendo corroído no confronto desigual com a língua oficial do país que é a língua portuguesa...”⁹⁵

Por sua vez, o também escritor Tomé Varela vê a questão da seguinte forma:

*“...situason di nos língua dipos di independensa, ê pior ki ántis de independensa. Si, ántis di independensa, nos língua era un arma di rizistensa kontra stranjerus y ses ideologia, dipos di independensa el sa ta razisti ktra ken ki kiria-l y ki gora (konsienti o inkonsientimenti) sa ta kontribui pa mata-l.”*⁹⁶

A linguista Dulce Duarte chama a atenção para o seguinte:

“... Corre-se o risco de se ver acelerar o processo da descrioulização que já atinge a nossa língua materna e cujos sintomas se manifestam em três campos:

- 1) O da correspondência fonética;*
- 2) O das modificações morfo-sintáticas no sentido do decalque da estrutura do português;*
- 3) O da substituição de vocábulos tradicionais do standard português.*

Analisando os pontos de vista dos linguistas citados, nota-se que eles apontam para a mesma direcção: subalternidade da língua cabo-verdiana em relação à língua portuguesa, o risco proeminente de degradação daquele e denúncia de negligência por parte das autoridades. Nessas circunstâncias, torna-se difícil à língua cabo-verdiana resistir e conservar a sua integridade.

⁹⁴ O Crioulo de Cabo Verde, Introdução à Gramática, 2ª Edição, pág. 31.

⁹⁵ Revista Cultura N.º 2, Junho 98, pág. 99.

⁹⁶ Revista Cultura N.º 2, Junho 98, pág. 112.

IV – CONCLUSÃO E REFLEXÕES FINAIS

O título do trabalho delimita e restringe o universo estudado. “*VARIAÇÕES NO FALAR DOS EMIGRADOS DE PILÃO CÃO*” trata-se de uma descrição da língua cabo-verdiana num meio sociolinguístico determinado, visto de um certo prisma, pelo que a amostra teve necessariamente de ser limitada (24 informantes). Dado o contexto, este trabalho deve ser entendido como um contributo para o estudo da língua cabo-verdiana, uma área de estudos ainda nos seus princípios. De facto, este trabalho permitiu-me concluir que a língua cabo-verdiana não pára de evoluir, vai ganhando umas estruturas e perdendo outras. O falar dos emigrados de Pilão Cão encontra-se em constante modificação, num ritmo significativo, influenciado pelos factores atrás identificados: a mobilidade dos falantes, a convivência entre a língua materna e o Português, o alargamento do grau de escolarização, o contacto com línguas estrangeiras, a adaptação dos emigrantes a novas realidades, o avanço da ciência e da técnica, a criatividade linguística, entre outras. Essas modificações ocorrem, sobretudo, a nível do léxico, pela correspondência fonética, pelo decalque da estrutura do Português e de outras línguas de contacto, pela criatividade e pela vontade de mudar. Das conclusões tiradas, parece-me conveniente salientar o seguinte:

1. A língua cabo-verdiana, como todas as línguas, é polimorfa. Enquanto o falar dos habitantes permanentes mostra uma tendência para a conservação, o dos sazonais e o dos emigrados encontram-se marcados pela descrioulização e pela adopção, criação e acomodação de estruturas novas.

2. Muitos termos e expressões usados pelos anciãos residentes permanentes, não são conhecidos dos jovens, uma vez que a maior parte dessas estruturas designam objectos e práticas já caídos em desuso. As diferenças entre o falar dos adultos e o dos jovens, habitantes

permanentes, comprovam bem as *variações diacrónicas*, ou seja, a evolução da língua através do tempo.

3. O falar dos jovens demarca-se pois do dos adultos. As diferenças são maiores quando se trata de rapazes e raparigas em contacto com a língua oficial e com línguas estrangeiras, que frequentam o ensino secundário e voltam para casa todos os dias. O seu modo de falar caracteriza-se pela substituição de grande parte dos termos e de expressões mais antigos, como as apresentadas atrás no falar da população adulta, por termos técnicos. Usam ainda a sua criatividade, inventando códigos linguísticos, podendo assim comunicar sem que pessoas estranhas possam ter acesso à mensagem. Os jovens criam termos e expressões que, com o tempo, podem vir a entrar no léxico da população local e vizinha. No entanto, podem ter vida efémera.

4. O falar dos emigrados varia muito, comparado com o dos habitantes permanentes. Essas diferenças evidenciam as *variações diatópicas* definidas atrás como sendo as variações da língua no espaço. Depois de um certo tempo de permanência fora da localidade, revelam, no regresso, modificações notáveis no falar, modificações de ordem fonética, lexical e sintáctica. Assim, termos e expressões desconhecidos há algum tempo atrás, quer seja da língua materna, da língua oficial ou de línguas estrangeiras entraram e entram no léxico dos moradores de Pilão Cão, trazidos por essa camada.

5. Os funcionários públicos também mostram acentuada diferença no falar em relação aos residentes permanentes. Eles constituem uma camada que pode usar diversos estilos ou registos da mesma língua. Na maioria dos casos, o seu falar tende a aproximar-se do Português, fenómeno linguístico referido por Dulce Duarte, designado por *Descruiolização*⁹⁷, o processo progressivo da evolução do crioulo, aproximando-se cada vez mais da língua oficial, sem no entanto se confundir com esta.

6. A camada estudantil dentro e fora do país e os emigrantes no estrangeiro manifestam-se como os principais vectores de mudança linguística a nível local.

7. As variações linguísticas, quer diacrónicas, diafásicas, diastráticas ou diatópicas, bem como o desconhecimento (ou ausência?) de regras prescritivas sobre a língua cabo-verdiana levam as pessoas a afirmarem, com frequência: “*Kriolu ka ten regra.*”

8. Enquanto se aguarda pela oficialização da língua cabo-verdiana, ela se apoia na necessidade e na boa vontade dos falantes que, inconscientemente, contribuem para a sua

⁹⁷ DUARTE, Dulce, Bilinguismo ou Diglossia? Autora e Spleen Edições, págs. 63/64 Praia, 1998.

resistência: “*Em Crioulo entendemo-nos melhor*”, dita pelos adultos que dominam outras línguas ou, pelo menos, a portuguesa, e daqueles que, de vez em quando, comunicam os seus pensamentos em língua materna.

Porém, não é esta a resistência que se deseja nem é a mais adequada. Os alunos precisam aprender a falar e a escrever o Crioulo na escola, desenvolver todas as capacidades comunicativas: *ouvir e entender, falar e fazer-se entender, ler e interpretar e, escrever e comunicar*, como estão a fazer em relação às línguas portuguesa, francesa e inglesa. Assim, terão a oportunidade de poder conhecer e reconhecer a sua identidade e a sua cultura, para reconhecer o valor de uma língua, qualquer que ela seja.

Analisando do assunto, o escritor Mário Fonseca observa:

“A normalização linguística, neste país, passa pela liquidação a prazo da actual situação de Diglossia, pela utilização gradual do Crioulo no ensino, pela sua imediata utilização nos meios de comunicação escritos e audiovisuais, por uma progressiva interiorização da língua portuguesa (que também faz parte da nossa herança cultural...) pelas massas cabo-verdianas.”⁹⁸

9. Apesar das diferenças, a maioria das realizações faladas em Pilão Cão são interpretadas. Quando surge qualquer dificuldade na comunicação, o interlocutor é logo ajudado pela reformulação da mensagem, usando processos metalinguísticos como a sinonímia ou outros processos comunicativos.

⁹⁸ FONSECA, Mário. Padronização do Alfabeto: Sua importância. In Revista Cultura N.º 2, Junho 1998.

V – BIBLIOGRAFIA

Afonso, Fernanda e Lopes Esmeralda. *Aprender a Dominar a Escrita no Mundo Contemporâneo*. Texto Editora. Lisboa. 1991.

ALFA, Jornal, Direcção Geral da Educação Extra-Escolar, Praia. Novembro 2000.

Baylon, Christian e Fabre, Paul. *Iniciação à Linguística*. Almedina. Coimbra. 1979.

Borregana, António Afonso. *Gramática Universal de Língua Portuguesa*, Texto Editora. Lisboa. 1998.

Carreira, António. *Crioulo de Cabo Verde – Surto e Expansão*. Gráfica EUROPAM. Lisboa. 1982.

Censo do Ano 2000. I.N.E. Praia. 2000

Chomski, Noam. *Reflexões sobre a Linguagem*. Edições 70. Lisboa. 1957.

Chomski, Noam, *O Conhecimento da Língua, sua Natureza, Origem e Uso*. Caminho. Colecção Universitária Série Linguística. Lisboa. 1994.

Crystal, David. *A Linguística*. 2ª Edição. Tradução de Isabel Hub Faria. Publicações Dom Quixote. Universidade Moderna. Lisboa. 1977.

Cunha, Celso. Cintra, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições Sá da Costa. Lisboa. 1999.

Davidson, Basil. *As Ilhas Afortunadas – Um Estudo para a África em Transformação*. ICL. Praia e Editorial Caminho SA. Lisboa. 1988.

- Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*. Autores Vários. Porto Editora. Porto. Portugal. 2000.
- Dicionário Universal de Língua Portuguesa*. Autores Vários. Texto Editora. Lisboa. 1998.
- Duarte, Dulce Almada. *Bilinguismo ou Diglossia?* Instituto Cabo-verdiano do Livro. Praia. 1998.
- Eco, Umberto. *Como se Faz uma tese em Ciências Humanas*. Universidade Aberta. Lisboa. 1998.
- Faria, Isabel Hub e outros. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Editorial Caminho SA. Lisboa. 1996.
- Fonseca, Mário. *Padronização do Alfabeto: Sua importância*. In Revista Cultura N.º 2. Junho 1998.
- Marques, Maria Emília Ricardo. *Sociolinguística*. Universidade Aberta. Lisboa. 1995.
- Oliveira, João Nobre de. *A Imprensa Cabo-Verdiana 1820-1975*. Fundação Macau. Direcção dos Serviços de Educação e Juventude. Lisboa. 1998.
- Saussure, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1998.
- Silva, Baltazar Lopes da, *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1957.
- Silva, Tomé Varela da. *Finasons di Nha Nasia Gomi*. Instituto Kauberdiano di Livro. Praia. 1985.
- Silva, Tomé Varela da. *Nha Bibinha Kabral. Bida y Obra*. Institutu Kauberdianu di Libru. 1988.
- Veiga, Manuel, ALMADA, Dulce, / outros. *I Congresso sobre o Crioulo de Cabo Verde*. Mindelo. 1987.
- Veiga, Manuel. *Diskrison Strutural di Língua Kauberdianu*. Plátano Editora. Lisboa. 1982.
- Veiga, Manuel. *Ôdju D'Agu*. I. C. L. PRAIA. 1987.
- Veiga, Manuel. *O Crioulo de Cabo Verde, Introdução à Gramática*. ICLD. PRAIA. 1995.
- Vilela, Mário. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ª Edição. Almedina. Coimbra. 1999.
- Xavier, Maria Francisca, Mateus, Maria Helena Mira. *Dicionário de Termos Linguísticos*. Vol. I. Edições Cosmos. Lisboa. 1999.

VI – ANEXOS

ANEXO I – TEXTOS

CONVERSAS GRAVADAS E TRANSCRITAS

TEXTO Nº.1

“Kalu skese si kusa riba mesa li, kusa... Talifoni di biosu! Nen mi N k’odja. Kantu dje bai, kusa sai na kanta, N bés N kunsá odje-l. E kanta, ê kanta, un bokadu, ê para. Ami N ka mexe ne-l, N ka ntendê-l! Kantu N sai na porta, N odja Kalu ta ben fadigadu, ê ben buska.”

(Morador permanente, 68 anos, analfabeto, sem contacto com a língua oficial e línguas estrangeiras)

TEXTO Nº.2

“Animal ka mesti di karinhu di alguen, di kel manera la. Ami N ta xinti mal, pasia katxor na petu, pa N ta odja mininu ta busca kumida na pubel! Kriansa es ta mesti di karinhu di sis pais, es ta mesti di atenson di autoridadis! Ta parse-n ma li na Kabu Verdi, autoridadis es ta prioriza festa, en detrimentu di direitus umanus.”

(Crítica de um jovem emigrante, estudante, actualmente a residir na França. Saiu de Pilão Cão com dez anos, actualmente tem 17.)

TEXTO Nº.3

“Vida di kel kasa la, sta «visible pour tout le monde». “A” ta maxi an tran di (*en train de*) trabadja; “B” ta maxi an tran di (*en train de*) pasia; “C”, an tran di (*en train de*) kume; “D”, an tran di (*en train de*) bebe! “A” ki dja fronta ku trabadjo! Uma autêntica eskravatura!”

(Jovem de 18 anos, morador tem porário, estudante do 3.º Ciclo)

TEXTO Nº. 4

A – Kandonga nen ka ta mori faxi. Faita`kaldu ki laba-l! Nhos nega da duenti kaldu, agó ki dje mori, dja nhos manda mata limária, kar di konpra dja soma, mudjeris ta djunta panela, alá-s ta trazi lenha, kelotu ta ferbi kafé manenti, homis ta renkia mesa na rua... Kaxon inda nen ka fasedu! Oitu dia di kaxexa! Ô nhó, Kadjunbi ka ten más!

- En! A nhó nton, nhu kré pa finadu ben?

- N ka txoma nha!

- Cerca-l la, Txiku. El ê un bon kaxexadera!

- Nná! N obi nhó ta limia finadu! E ka ten nada ben fase!

A – Sê mi, N ta ben, N ta foga tudu argen ki intxi pratu na nha ká!

(risos).

(Morador temporário, 63 anos, esteve dez anos em Angola. Não sabe ler. Apenas assina o nome.)

TEXTO Nº.5

A – Afinal, kel kestão tinha un anbiguidade. Módi ki bu diskubri-l, B?

B – Bu pensa ma N`tendeba kel kestão di tema pa disenvolvi? Na kumeso, N fika ta flutua... Tudu algen ta baza letra... Partu rápidu! Nton, N risolvi dexâ-l pa fin. Kantu prusor purgunta si ten algun pedido de xklaresimentu, komu ningen ka riagi, N aproveita.

C – Kel álnea, sima staba ta fazeba konfuzon! Ami dja N respondeba-el, mas falandu di dimokrasia, claru! Ê kel ki purgunta pidi!

A – Mas ê ka tinha sentidu. So ki, às vezes, algen ta sta distraidu dimás... P´ra já, nu fala di dimokrasia na Direitu, não na Geografia!

B – Era dimografia, na inunsiadu staba dimokrasia!

A – Kel gralha li, N ka sabi módi ki prusor kumeti.

C – Influênsia di kanpanha! Só pode ser!

A – Prusor sta na kanpanha?

C – Ken ki ka sta na kanpanha, bóí? Té gatu ku katxor!

B – Ma dipos ki prusor korigi-l, ê bira simplis.

C – Mi gó N ka faze-l más. Kel “affaire” di onti, ti inda tene-n ku stress. Pa N riska un página interu, pa N ben skrebi di novu, N dexa pusor ku dimokrasia, sima ê pidi!

A – Bu panha-l em cheio, B! Kantu ki pusor da-u?

B – Ki pusor da-n? Ki N panha, nton!

A – Kantu ki bi bu panha, nton?

B – Dezóitu i meiu.

C – Nooosa! Bu stika!

A – Bu sta frenti di tudu kês dobradinhas!

(Diálogo entre três alunos do Terceiro Ciclo, entre 17 e 18 anos, moradores temporários, a estudar no Liceu Domingos Ramos, Praia)

TEXTO Nº.6

Turma numeroza ten txeu disvantagen. Primeru, prusor ka ta konsigi da a kada alunu kel atensão ke ta meresi. Kel-li ê fundamental! Un otu disvantagen ê kureson. O ki um alunu dja fasi um trabadju ki mesti intruduzi kureson, prusor debi kurigi kel trabadju djuntu ku alunu, istu é, ê debi orienta alunu, pa alunu imenda sis erus, el propi. Asi, alunu ta kaba pa premdi sobri aquilu ke era, ê ka ta volta a cometi kes mesmus eru. Pur otru ladu, bu ta ivita ábitus di “laissez faire” na alunu.

Mas... Ku korenta alunu, antis di bu kurigi dos ô três, tenpu dja esgota!

(N.B. Processo de descrioulização. Note se o léxico e a última palavra, a sílaba inicial em português (como referido na pág. 36, alínea d).

(Técnico do Ministério da Educação e Valorização dos Recursos Humanos, a residir e a trabalhar na Praia, 40 anos de idade. Saiu de Pilão Cão há 15 anos.)

TEXTO Nº.7

Pretu Santumé, ses ká es ta fase so di pó. Ala ten pó mas txê ki pedra. Nton kel dia, nu sa ta bamba di rosa, nu kronta ku un grupu di pretu, sô omi, ki dja fase furminga na ká, ta karega, ta bai. A kes ta muda, es ta karega ká. Gentis sai na ri! Ami N kala ketu, N pasa stretu... N staba prenhada. Es pensa me mi ki ri, es fla-n “Txinga!”. A éris ka ta brinka! Fla-n pa N txinga, oitu dia, N pari. Minino ka na més! Mortu!

(Moradora temporária, 58 anos. Esteve 9 anos em S. Tomé e Príncipe. Não sabe ler.)

TEXTO Nº.8

A – Staba oitu pasageru, sô di kes guentis burmedju, kada musiur ku si madame! N ka sabi nen dundi. Rapaz tudu boka abertu, ku kel ki ba skola ku tudu. Ê bó, N txiga N batê-s koru! **“Bonju madame, bonju mussiur, à votre disposition. Vuz alê u? (Bonjour madame, bonjour monsieur, à votre disposition. Vous allez où ?)»** Ná, sima N prendi ku patron! Sinhoras suri grasa, omi tra mapa di boisa, ta mostra-n. N djobi, N fla:“Tarrafal?” Ê rispondi: **“Uí, uí, musiur. Tarafal!”** (Oui, oui, monsieur.), ku “r” trankadu.

N manda-s p’es subi, **“Si vu plé (S’il vous plaît)”**, nu ruma bagaji riba banku trás, nu stika Tarafal!

B – Bu kori karu, gó !

A – Nauuu! N bai nas kalma!

C – Bu ka tra kabesa fora?

A – KREDU! Bu pensa ma mi ê fu di la teti, ó kusé? Stranjeru ta brinka? Si N ba gia mariadu, ka ta dixi-n di karu?

Kantu nu txiga, homi ta purgunta-n pa presu, mi N ka ta ntendi. Da-n sinkuenta euró, N toma so vinti, ês fla-n ma mi ê *tré jantil* (très gentil)!

(Motorista de “Hiace”, 38 anos, morador permanente. Estudou até ao 1º Ano do ex-Ciclo Preparatório.)

TEXTO Nº.9

“- A ku bai, bu ta fla-n nha kumadri ma Tareza dja dinbarasa. Ê ten matxu.

- Grasa a Diós! Ki dia ke ten?

- Na trizontonti, la Praia. Dje fase kantu dismantxu, nu tenea medu. Mas kore tudu ben, grasa a Diós.”

(Moradora permanente, adulta, 68 anos. Não sabe ler.)

TEXTO Nº.10

“Botizadu tenba argen poku. Sima ten morti na roda, nen ka podu toki. Nton gó, Tula ku mudjeris ba di kosta, ben di rostu, kusia txeu! Kantu podu mesa, mininus kume sô sopa, labanta, fika sô madrinha ku padrinhu ku mas un homi. Kumida kes teni la, pa kaba, sô se pa sai ku-el, pa raparti di kada ká!”

(Morador permanente, adulto, 58 anos)

TEXTO N.º.11

“Prokura organiza arkivus pur asuntu, kria um kódigu pa bu utiliza senpri. Asi, bu ta podi lokaliza dukumentus ku prisizão y sen perda di tenpu.”

(Morador temporário, funcionário público, 48 anos.)

TEXTO N.º.12

“Ali, ku mudjer ku tudu ê pa trabadjâ na padjigal! Ná, la Musteru gó du ka ta báí. Alâ ê sô omi qui ta báí. »

(Moradora temporária, sem contacto com línguas estrangeiras a residir actualmente na ilha do Fogo, 21 anos.)

TEXTO N.º.13

Ô nha fidju, duenti ku presu ka ten amigu! Oxi dja bu ben? Djô ara k`atxaba mi li! (...)

Kau bira sabi pa un pontu. Agu ka feita, kume ka feita. Ami, le-n li, nha mininus tene-n dretu. Ta fase-n nha bokadu na maré, ta bate-n nha ropa ta po-n troka dia pa dia, tudu dia ta troka-n pan di kama. Ami inda N sta ki ta bá basia, por isso N atxa ma es ka mesti toma tantu inkomu. Djobe li, es ta kunpra kusa laba korpu, kusa di laba kabé, di laba boka, tudu ki ta meste, ki ninhun N ka konxeba na nha tenpu.

Un bês, ta andada ku un kanpan pasadu, ta detada na stera ku kankaran, tenba purga, dabi, pitxilin, piodju, pitxoka, tudu ta njuriaba argen, bu t`atxaba kiriatura tirsidjadu. Gosi, kel li kaba. Gosi, uniku ka sabi ki nu sta, ê parkê argen ka sata fila ku kunpanheru. Homi di li ka sa ta kubri família, mudjel ta pari dia ku un, dia ku otu, mininu largadu sima padja. N ta pensa-l! A ki N dadu un bokadu, ben fasedu, N ta kumi, ta fika na pratu, N ta pensa na kel mininu nosenti ki pai ku mai dja larga, sen ningen di toma konta, ta pasa tudu margura. Agora, sumara li: a kel pai ku mai ki sta nobu, ki dja larga ses fidju da mó, ses grandi al sa ta podrissi na kantú l ká!

(Morador permanente, 82 anos de idade, não sabe ler.)

TEXTO N.º.14

Anton si “*Nhara sta* » ka sa ta fladu mas, nhós flan gósi gó ê mó ki sa ta fladu. Ami N ten ki kunprimenta! Mas “*Nhara sta*” ku “*Nhô sta*” gó nhós ka ta kababa ku el. Gentis grandi ta da benu sabi...A mi N ta fla si mé!

(Emigrante em Portugal há 34 anos. Saiu de Pilão Cão com 25, tem actualmente 59.)

ANEXO II – ENTREVISTAS

Entrevista a um Morador Permanente

1. Kantu anu nha ten? (Que idade tem a senhora?)

Ami? Nha era, N ta dabu, bó ki ta tra-l gó. Ami ê di dizanobi. Djonzinhu nha maridu leba-n três anu. El ê di dizasais.

2. Nha sabi lé? (A senhora sabe ler?)

Skola kel bes, li, ka tenha. Nin kantu ben ten, mininu femia ka ta poda. Nin na Kadjeta. Ka tenha. Djonzinho, na kel anu ki nu kasa dje sabeba lé. Mas ê prende ku Txotxi Martin, pai di manu Basku.

3. Nha kontxi otu língua, difora kriolu? (Conhece outras línguas além do Crioulo?)

N nau. Sô kiriolu.

4. Ki profesan ki nha ten? (Qual a sua profissão?)

Ami N ka ten profesan.

Nton, nha podi fla-n ku sé ki nha sabi fasi... (Neste caso, pode dizer-me o que sabe fazer...)

N ta trabajda na kasa, kusia, bati, bare, sabe di mininu...N ta trabadja na ladera tanbe, koba txon, símia, munda, koba l'batata, di mandioka, tudu N sabeba, N ta faseba propi ...

5. Na kaza di nha, ten algun emigranti, ki ta kustuma ben pasa féria? (Na sua família há algum emigrante que costuma vir passar férias?)

Nha purmeru fidju dja nbarca N ka se kantu bês, dje bai, dje ben, ti ki jdê raforma.

Kelotu nha fidju kontxi tudu terá. El ê bá skóla la ja londji, la Kuba. Si trabadju N ka ta ntendi. Ê na kusas d`alfaniga la Praia. Gósi ê ben pega na kusas di botu, ê ata trabadja la Canbra. A el e ta sta so ta bai ta ben.

6. Na ki tera? (Onde reside (m) esse (esses) emigrantes?)

Lisbua djes bá es tudu dos. Mas kelotu dja ba txeu tera. Sima un bês, ê bá un tera si... kantu ki talifoni rintxa li na kasa li, staba kuantu e meia di tardi. Mas kantu ke fla-n ma la staba dentu d`anti maxe, N fika dimiradu propi!

(Para um neto)

- Mininu, mó ki kel terá txoma?

O neto – Japon, vóvó.

- Ami N ka sé fla!

ENTREVISTA A UM ESTUDANTE, MORADOR TEMPORÁRIO

1. Kantu anu bu ten? (Que idade tens?)

- *N fazi vinti e un, na Maio li.*

2. Undi ki bu ta studa, na ki nível? (Onde estudas e qual o nível de escolaridade?)

- *N ta studa na Praia, na Universidade “Jean Piaget”, 1º Anu, Siênsias di Idukason.*

3. Bu ta ben Pilon kan txeu bês, bu ta ben poku? (Com que frequência voltas a Pilão Cão?)

- *Nhas fêria ku fin di simana N ta pasa-s senpri li.*

4. Bu sabi ma gosi, bu sa ta fala Kriolu diferenti di kes otus gentis ki sta senpri li? (Tens a consciência de estar a falar um Crioulo diferente das outras pessoas que sempre viveram em Pilão Cão?)

- *Sin! Kriolu ê sô ma dja fla! Kriolu ka ten regra!*

5. Bu kré splika pamodi? (Podes explicar porquê?)

- *Pan da nha un izenplu? Oxi papá manda-n la na tiu Pedru, pa N fla-l pê reserva-l un kuza la, ki djes tinha kunbinadu. Ami N ta fla “kuza”, mamá ta fla “kusa”, papá ta fla “koisa”. Agó, kal di nós ki ten razon? Bu podi fla-m? Tudu ta konprende gó, mas assi un gaju ta odja ma kriolu ka ten regra!*

ENTREVISTAS A EMIGRANTE NO ESTRANGEIRO

Kantu tenpu dja nhu ten fora di Kabu Verdi?

E. – *Ami, dja N ten vinti i katu anu fora.*

1. Ki tera nhu kustuma bai?

E.A. – *Purmeru, N stive na Portugal, três anu. Dipos, na oitenti katu, N bá pa França. Na França, N trabadja ti gósi. N kustuma bá Holanda más sô pa três dia. Otu tera N ka konxi.*

2. Kantu bes dja nhu ben?

E.A. *Ê bó, un seti a oitu bes. Ami N ta ben tujur (toujour)! Ojda, N ben na oitenti sas, kantu nha mai duenseba ; N ben na oitenti oitu, ki N trabadja kel kasa na Kadjeta; Na noventi un, N torna ben, ki N atxa Kau Verdi kenti, dentu kanpanha. Mudansa di noventi un kontise ku mi li; Di la, N manda toma mudjel ku mininu. La, N para. N ben ta ben na noventi sas; N torna ben na morti di nha pai, na Julhu di noventi novi, ki N pasa festa di Nhu San Dimingu. Oranu pasadu N ben, ês anu dja N torna ben...*

3. La na Fransa, nhu ta papia Kriolu?

A ki nu kontra ku kauverdianu, nu ta papia so Kiriolu! La na kasa, ku nha mudjel, ku mininu, nu ta papia, purkê nha mininu mas pikinoti bá ku três anu, mas grandi dja tinha dozi. Na kel altura, dje`s sabeba kiriolu, es ka skese. Mas dja, netus, ka ta papia kriolu. Demo gó, es ta ntende un kusa ó otu ki nhu ta fla, mas papia, ê sima djes ben Kau Verdi li, pê-s prende. Si gó, onti noti, nu ka tenha gasolina pa mutor, kasa sukuru, tilivisan es ko`dja, es bira xatiadu, tudu ta pidi bai! Sima un netu di seti anu ki nu ben ku el, txoma-n, po-n sakedu, purgunta-n: “C’est ici qu’ on vá rester?! Cá vá pás!”

Nha sabi kusé ki N fla-l? Pê fica trankil (*tranquil*), ma li ê kanpanhe (*campagne*), ma ka ten hotel... Ma hotel fika longi, ma N ka teni dinheru di paga hotel. Kantu N pô koitadu, ê da kabaku!

Mininus ka sabe kusé ki ten! Nha, gosi Kau Verdi bira sabi! Kau Verdi gosi tene tudu kusa ki ten na strangeru! Noti, ê data ê durmi ti matxi. Ami, N bá Praia sedu, kantu N ben, N odja-l la ku rapasinhus, ta kori kar di lata, ta papia kiriolu djuntu ku és! N para karu lisin, ê ben pa mi, ê barsa-n, N purgunta-l si djê kume, ê fla-n ma tia dal kumida sabi, ê torna bá brinka. Otxi fasi katorzi dia ki nu sta li, dje prendi fla txeu kusa. Agó, ten un kusa: si tenha livru, kes mininu ki ka sta li, ta predeba mas fatxi. Nha sabi kusé ki pôs interesadu? Músika! Kantu Cesária Évora bá Paris, kasa di nós intxi di mininus di Fransa, pa nu bá traduzi músicas di Cesária, Kantu ês intende, es bira ta kanta djuntu ku nós.

-Ki otu língua nhu ta fala?

La undi N ta trabadja, ten Purtugês txeu. Nha mudjer, na kumesu, ta baba misa sô na hora ki ta dadu na Purtugês. Dipôs, ê ben ta prendi “Francês”, dja gósi, nu ta bai na “Francês”.

- Gósi, nhu bira ta papia kriolu differenti di anti nhu nbarkaba. Nhu ta xinti?

N ta xinti, as ves. Ten kusa ki a ki N ta xinti, dja-n fla na “Francês”. Nha mana, manenti, ora ki dja N konbersa, ta purgunta-n kusé ki N fla, dja N ta pidi diskulpa, otu ora. Si gó onti, N dia ta sriba ku lenbra modi ki ta fladu “tizora”, N sumara un bokadu, N fasi gestu, nha mana purgunta-n “Tisora?” Di la, N lenbra, ki N bá tra-l eru: “Ê ka “tisora” nau, ê “tizora!” Nu ri, ê fla-n me ta guarda-n el pa manhan.

- La Fransa, a ki nhu ta papia kriolu, kusé ki nhu ta lenbra de-l?

- Un munti kusa, sô kusas di tera: Pilon Kan, katxupa, panu tera, batuku.... C`est ça!

ANEXO III

MÁXIMAS E PROVÉRBIOS MAIS VEICULADOS

1. «Na Ponta Tadju kê Pilon Kan.»
2. «Pilon Kan, kumi ê na pilon.»
3. «Undi obidu pilon, ten kaleron.»
4. «Nha xerén ka ta lansadu. Ken ki lansa ta kodji gran pa gran.»
5. «Bentu panha pilon, ki fari balai.»
6. «Parida ka ta feita midju modjadu.»
7. «Kasamentu ê ku pilon, kolexu sumana pa ponta.»
8. “Kuskus ê ku liti.» ou « Mi sen bó ê sima leti sen kuskus.»
9. « Txuba xi ta ben ku festa.»
10. «Pa mas ki N kré kuskus, N ka ta tra naris pa-n fasi bindi.»
11. « Mudjel ka ta durmi ku póti seku.»
12. « Kabalu manku ta tra dianti.»
13. « Buru ê pa sirbi kabalu.» ou « Tudu kabalu ten si buru. »

14. «Midju bedju, brasu faifadu, ta da pa da konta rekadu?»
15. «Midju bedju ê ka ten.»
16. «Odju ê mufinu mas pé ê balenti gó.»
17. «La undi ta njutudu ki ten bodeku gordu.»
18. «Djongotodu ka ta pô na ragás.»
19. «Konbersu sabi, ladron di tenpu.»
20. « Kuskus d'onti ka kumida' mininu. »
21. «Divagar manenti, argun dia nu ta txiga.»
22. «Duenti ku presu ka ten amigu.»
23. «Mudjel ê disgrasia' dispensa.»
24. «Papa ki ka kema-bu, ka bu sopra-l.»
25. «Dos sabidu ka ta pô buru karga»
26. «Raskon di kasa, nu di kaminhu.»
27. «Ken Ki ten medu, kiria katxor.»
28. «Duensa total, ramedi ê morti.»
29. «Rinka N finka ; singa N pinga; brufa N txobi. »
30. «Ka nu panha agu na bindi!»
31. «Si bu kré obi, ê konsedju ; Si bu ka kré, ê konbersu. »
32. «Mudjer Lopi, Saia Samedu. Ó Ó Omi ê pa fasi bioku pa kunsu fla.»
33. «Ken ki da ku fonti purmeru, ta bebi ti basta.»
34. «Pirgisa ê mai di miséria.»
35. « Kusa dadu ka ta raparadu.»
36. « Kasa d'argen ka morada.» ; « Bianda d'argen ka sustentu.»
37. «Kel ki Diós da, Diabu ka ta toma. »
38. «Suguru ê na boisa.»
39. «Ka ten seku ki ka ta modja, ka ten kenti ki ka ta firia. »
40. «Diós ê Pai. »

ANEXO IX – CASOS DE CONFRONTOS LINGÜÍSTICOS

1º Caso: Um jovem de dezoito anos, está a estudar o décimo segundo ano, na Escola Secundária Cesaltina Ramos, na cidade da Praia. Contou-me que teve de modificar o seu modo de falar, tanto no vocabulário como na pronúncia, por um caso de confronto que o deixou convencido. Contou-me que ia a preencher um documento para solicitar a isenção de propinas quando um funcionário da secretaria lhe perguntou em língua materna, quem era o seu encarregado da Educação e com quem habitava, ao que ele respondeu: “**N ta mora ku nha donu.**” Segundo me contou, “Ê volta purgunta-n, N risponde-l igual. Nton, ê komesa, gozadu da silva, purgunta-n si N ten donu; Ken kê nha donu; N dal moni. Ê ka skrebi. Presa

kaba-l. Na kumesu, dje kreba pa N dexaba ti otu dia, ma dja staba kuasi na ora. Ma kantu ê panha-n, presa kaba-l. Nton ê pidin tudu detalhe. Ta fingi admiradu, mi bakan da silva, ta pensa me algun parente... Na fin, ê fla-n: “N pensa ma skravatura dja kababa na Kabu Verdi! Inda nu teni gentis ku dinu?!” Nton, ê ba busca otu papel, ê ben, ê enkara-n, ê fla-n:

“Bu ka ten donu, mós. A bó bó ê sidadão livre! Kel ki bu ten, ê avô! Agora da-n nomi dês bu avô, kel ki nhos ta mora djuntu, kê bu enkaregadu di idukason, pa N skrebel lisin.”

Es imenda foi sufisienti pa N ka trata nha avô di “donu” mas. Inda N korigi nha irmon ku nha primos.

Analisando a ocorrência, nota-se que, neste caso, o falante da cidade consegue influenciar o do campo, contextualizando o seu falar com argumentos sociolinguísticos, deixando o segundo sem elementos para contradizer. Esses argumentos fazem o falante do campo alterar os seus hábitos linguísticos e, além disso, procurar influenciar as pessoas que o rodeiam, neste caso os irmãos e primos, formando uma cadeia de intervenções e modificações.

2º Caso: Uma senhora, da casa dos cinquenta anos, moradora permanente em Pilão Cão, contou-me que, numa consulta médica feita na Praia, no momento de descrever os sintomas, disse, a certa altura: ***“Di kel ora, N bira moku, moku.”***

O médico, cabo-verdiano e pessoa honesta, perguntou-lhe, calmamente, o que teria ingerido. Ao explicar que não usava bebida alcoólica, mas que perdera completamente a audição, por mais de três horas, o médico sorriu meio envergonhado, pediu-lhe desculpas dizendo que já se tinha esquecido que o termo ***“moku”*** também queria dizer ***“surdu”***. No entanto preveniu-a no sentido de, em consultas posteriores, usar o termo ***“surdu”*** a fim de facilitar a comunicação.

3º Caso: Esse foi-me contado por uma moça de vinte e três anos, que estudou no Liceu Domingos Ramos. Actualmente, encontra-se a estudar em Portugal. O caso foi contado em Português e transcrito com algumas supressões:

*“O meu falar era objecto de troça. Quando em 1999 entrei para o décimo primeiro ano, no Liceu Domingos Ramos, aconteceu um caso do qual não me esqueço: A minha colega predilecta tinha-se magoado no ginásio. Amparei-a até ao portão do pátio, a fim de apanharmos transporte para o Hospital Agostinho Neto. Antes, confiara as pastas de ambas a outra colega que as pendurou no nó de um tronco seco, à altura de dois metros e, ao pé da qual se sentou com outros colegas. Junto ao portão, a colega aleijada pediu a respectiva pasta, pois sentia que não podia regressar de novo às aulas naquele dia. Pediu-me também que ficasse, informasse ao chefe de turma e tirasse os apontamentos para ambas. Enquanto um professor tirava o carro que havia de levá-la ao hospital, eu chamei de longe pela guardiã das pastas: ***“Ô Ana, longa-n fêtu di Sandra.”*** A Ana respondeu que não tinha percebido. Eu repeti mas sempre dizia que não percebia, pelo que chegou mais perto. Eu repeti: ***“Longa-n fêtu di Sandra, mimâ!”*** Mas ela não percebia e perguntava sempre: ***“Kuzé bu fla?”*** Por fim, eu disse: ***“Biosa, minâ!”****

*Recebi a pasta só depois de várias tentativas. Quando o carro arrancou, regresssei ao grupo que me aguardava reunido junto a um banco. Os colegas pediram ainda que repetisse o que andava a dizer e ninguém percebia. Eu então disse: ***“Anhos nhos sta moku ó kusé? Ê fêtu di Sandra, la prindadu na kakutu, ki N fla pa longa-n, pê ka baba sen el.”*** Puseram-se todos a rir e perguntavam: ***“Fetu? Fetu di Sandra? Undi sta? Kel-li ê kuzé, minina? Inda bu sta insulta-nu ma nu sta moku?”****

Os meus camaradas, ao pronunciarem a palavra “**fêtu**”, diziam-no com “é aberto”, de forma que se apercebia “**feto**”, termo da língua portuguesa, cujo sentido eu conhecia bem. As gargalhadas fizeram aproximar mais alguns rapazes e como os primeiros se mostravam curiosos. Tentei explicar de novo: **Fêtu ê boisa di skola, moda kel la, kel prindadu na kakutu.**” Dizendo isto, indiquei as nossas mochilas.

Soltando grandes risadas, e mostrando muita admiração, os rapazes tomaram a palavra e perguntaram-me se tinha um feto, onde o tinha. Outros sugeriam que a minha pasta era suspeita porque trazia feto, deveria ser denunciada. Mostrei-lhes que sabia aonde pretendiam chegar e ria também com eles. Uma colega sugeriu-me que dissesse “**pasta**”, “**mochila**”, “**saco**”, ou, se quisesse, “**bolsa**”; “**tronco**” em vez de “**kakutu**” e “**penduradu**”, a fim de facilitar a comunicação. Constituindo a frase, um dos rapazes disse, gozando: **Ana, passa-n pasta, ô moxila, ô saku, ô bolsa di Sandra, favor. E kel penduradu na tronku Bu sa ta odja-l? Ria e abanava a cabeça.**

Entretanto, o sino tocou e fomos para a sala, com todos a repetir as minhas palavras, adaptando-as às situações diversas com as quais se deparavam.

No início da aula, havia risos nas carteiras e uma grande linha de faltas de disciplina assinaladas no quadro. Todos os olhares se voltavam para mim. Riam rapazes e raparigas e eu ria mais que ninguém. A professora começou a inquirir. Inútil. Ninguém conseguia contar, sufocados de tanto riso. A professora começou a acrescentar as faltas e o meu número estava na lista duas vezes. Algumas alunas até pediram licença para saírem da sala. Eu, apreensiva, continuava a rir sem querer. Pedi a palavra para contar o que se passava mas não consegui. Por fim, um colega do Plateau, pediu a palavra e contou que tinha sido no pátio da escola, que eu tinha um falar engraçado, que no meu Crioulo as coisas tinham nomes diferentes, que tinha havido um problema de comunicação, que era cómico...

A professora não exigiu que contasse mais. Perguntou-me de onde era a minha família. Quando disse que era de Pilão Cão de São Miguel, a turma pôs-se novamente a rir. A professora também sorriu levemente e disse-nos que nunca esteve em tal localidade mas que já tinha ouvido gabar que era terra de gente inteligente e estudiosa, terra de padres, falou de colegas dela que eram de Pilão Cão, mencionando alguns nomes. Eu disse que conhecia a todos, uns já eram engenheiros, outros médicos. Que alguns eram meus familiares mas que já não habitavam na localidade, só os pais deles.

A professora perguntou-me então se queria dar alguns exemplos de objectos com outros nomes. A turma na expectativa e eu, que já não ria, levantei a minha pasta e disse: A isto chamamos “**boisa**”.

A turma gritou em uníssono: “**Feto**”. Em dizendo isto, davam grandes risadas, que quase nos abafavam. O colega que tinha tentado contar o que se passava, retomou dizendo: “Imagine, senhora professora a menina a pedir-nos, com insistência, o “**feto**” dela que dizia estar pendurado num “**kakutu**”. Quem há-de entender isto?”

A professora riu desta vez. Mas eu respondi que também se dizia “**fêtu**” e não feto, e acrescentei que na aldeia onde eu moro é assim que se designa a pasta de escola. Entretanto, a aula tinha de começar mas a professora aproveitou para nos explicar que, numa determinada língua, todas as palavras e expressões têm o seu valor e que a riqueza está na diferença.

Desde aquele dia, os colegas puseram-me a alcunha de “**Fêtu**” e “**Pilonkan**” e eu respondi até sair do Liceu, sem nunca me zangar. Lembro-me de uma vez ter conseguido a melhor nota na disciplina de Matemática e que os meus colegas fizeram um círculo à minha

volta e eu, orgulhosa, disse: “ ***Kel li, N ta ba ku-el Pilon Kan, pa N bá mostra ma N ka ben liseu so bonbu fetu, nau!***” Os colegas riram e comentaram. Essa ocorrência marcou-me profundamente e nunca mais me esforcei para falar o Crioulo como os meus colegas da Praia, como anteriormente fazia. Passei a ser mais determinada, com tolerância e respeito.”